Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas
PÁGINA 05 | Waldecy Tenório: "Meu Deus e meu conflito". Teologia e literatura
PÁGINA 09 | Afonso Soares: O poder teológico da literatura
PÁGINA 12 | Robert Alter: Um mergulho na narrativa bíblica
PÁGINA 14 | Rafael Camorlinga Alcaraz: A fé poética dos crentes literários
PÁGINA 17 | Georg Langenhorst: "Quase todas as grandes obras da literatura mundial têm dimensão religiosa"
PÁGINA 20 | Maria Clara Bingemer: A literatura como um campo fértil de diálogo com a teologia
PÁGINA 22 | José Augusto Mourão: Literatura e teologia em Adélia Prado
PÁGINA 24 | Philippe Sollers: "A grande literatura teológica encontra-se principalmente na poesia"
PÁGINA 25 | Paulo Soethe: Teologia e literatura: a cena alemã

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco
PÁGINA 28 |Sérgio Miranda: Reforma tributária e o aumento da desigualdade social
» Memória
PÁGINA 31 | José Carlos Barcellos
» Nanotecnologias
PÁGINA 35 | Edmilson Lopes Jr.: A inserção das nanotecnologias na vida humana: como será o futuro?
» Entrevista da Semana
PÁGINA 38 | Andrea Vicentini: Compartilhando o conhecimento: a volta dos clássicos
» Invenção
PÁGINA 41 | Adriana Zapparoli
» Análise de Conjuntura
PÁGINA 43 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos
PÁGINA 46| Jorge Durán: Da preocupação individual ao interesse social
» Perfil Popular
PÁGINA 48| Maria de Lurdes Dutra Vargas
» IHU Repórter
PÁGINA 50| Marcos Paulo Guerin

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

"Meu Deus e meu conflito". Teologia e literatura

Para o professor Waldecy Tenório, o sagrado e o profano se encontram na literatura, sendo a poesia a última forma de êxtase

Ao falar sobre a ligação entre teologia e literatura, o professor Waldecy Tenório, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP), considera profundas as relações entre essas duas áreas. "Dessas que se dão nas camadas subterrâneas do texto. E os teólogos e os críticos, mais do que nunca, estão descobrindo isso", afirmou, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Para ele, "não seria possível desconhecer o encontro entre a fé e o ceticismo no interior da literatura".

Tenório é graduado em Letras Clássicas com doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. É autor de *A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral* (São Paulo: Ateliê Editorial, 1996) e de ensaios publicados na grande imprensa e em revistas acadêmicas nacionais e internacionais sobre as relações entre literatura e teologia. Atualmente, atua como professor associado da PUC-SP e é pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP.

IHU On-Line - Como foram no passado e como se desenham hoje as relações entre literatura e teologia?

Waldecy Tenório - Se fizéssemos essa pergunta ao evangelista João, ele certamente diria que no princípio era o Verbo, e não estaria dizendo pouco. Quer dizer, essa relação entre literatura e teologia já aparece na origem, ou na aurora do mundo, como se fosse uma culpa ou um pecado original. Na antigüidade grega, encontramos a doutrina do entusiasmo, que associa a inspiração poética à profecia ou mesmo à possessão por um Deus. No mundo judaico, não se concebe a escrita a não ser dentro de uma ligação muito forte com o divino. O profeta Ezequiel engoliu "goela abaixo" o rolo de um livro e ainda teve de antecipar o prazer do texto de Roland Barthes,[1] dizendo, meio sem graça, que o livro lhe era doce como o mel. É claro que não podemos esquecer os poemas que são os textos fundantes de outras grandes tradições religiosas, como, por exemplo, o Bhagavad-Gita.[2] Mas se, por uma questão de método, permanecermos na trilha judaico-cristã, vamos encontrar, a seguir, esse monumental biografema, as Confissões de Santo Agostinho, a empresa editorial de São Jerônimo, a escola de Hugo de San Victor, Dante, São João da Cruz, Teresa d'Ávila, Sóror Juana Inês... E depois — não dá para lembrar tudo — Derrida[3] vem nos dizer que a letra é sempre roubada e o Deus bíblico transmigra para a literatura profana, se esconde na poesia, se disfarça no romance e, por vezes, dá as caras no cinema. Por que já se pôde dizer que o *Ulysses* de Joyce[4] é um romance teológico? Porque o Deus bíblico é esperto, deixa rastros, e isso de propósito, para não o esquecermos, para ficarmos sempre no seu encalço, nessa agonia que vitimou desde os antigos profetas até uma Simone de Beauvoir:[5] "onde está ele?". O fato é que o sagrado e o profano se encontram na literatura, sendo a poesia a última forma de êxtase ou, como diz Murilo Mendes,[6] a transubstanciação do leigo

1 **Roland Barthes** (1915-1980): escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Bhagavad Gita (A Canção do Senhor): um texto religioso hindu. Faz parte do épico Mahabharata, embora seja de composição mais recente que o todo deste livro. Na versão que o inclui, o Mahabharata é datado no Século IV a.C. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com freqüência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *L'Ethique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998) e *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da **IHU On-Line** edição 119, de 18-10-2004. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **James Joyce** (1882-1941): escritor irlandês expatriado. É amplamente considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses (*1914) e os romances *Retrato do artista quando jovem* (1916), *Ulysses* (1922) e *Finnegans wake* (1939). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Simone de Beauvoir** (1908-1986): escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Ligou-se pessoal e intelectualmente ao filósofo francês Jean-Paul Sartre. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Murilo Mendes** (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz

no sagrado. Então, resumindo: foram e são relações profundas, essas que se dão nas camadas subterrâneas do texto. E os teólogos e os críticos, mais do que nunca, estão descobrindo isso.

IHU On-Line - São relações pacíficas ou literatura e teologia são "irmãs inimigas"? Por quê?

Waldecy Tenório - Pacíficas nunca foram, nunca serão, e é bom que assim seja. Elas poderiam subscrever, juntas, aquele famoso verso de Petrarca,[7] que começa assim: "Pace no trovo" (não tenho paz), e termina dizendo que "non ho da far guerra" (não posso fazer a guerra). As duas têm a mesma idade, nasceram na mesma época, a poesia era a alma dos ritos religiosos. Com o tempo, a teologia foi se transformando numa senhora sisuda, muito respeitável, uma velhinha que não tira nunca o véu da cabeça, enquanto a outra parece mais jovem, irreverente, a louca da casa, de reputação às vezes duvidosa, e é claro que isso acabou por criar um certo conflito ou uma certa desconfiança entre as duas. Mas acredito que a principal razão disso é que uma tem ciúme da outra porque ambas são apaixonadas pelo ser humano. O ciúme as faz viver de pé atrás, às vezes nem se olham, de forma que, parodiando Bernard Shaw,[8] quando elas se beijam é porque não podem se morder. Essa tensão foi captada por Drummond[9] quando escreve um verso que soa como a encruzilhada do eu lírico desesperado: "Meu Deus e meu conflito". Ora, esse conflito é muito rico, não pode ser jogado fora nem por uma "literatura edificante" nem por uma "religiosidade melosa" do tipo *new age*. Por isso é bom que as comadres continuem assim, desconfiando uma da outra.

> **"Essa relação entre literatura e teologia já aparece na origem, ou na aurora do mundo, como se fosse uma culpa ou um pecado original"**

IHU On-Line - Há um certo distanciamento entre teólogos e críticos literários. O que acontece? Dogmatismo, positivismo, ateísmo ou desconhecimento mútuo?

Waldecy Tenório - É tudo isso mesmo que se reúne na pergunta, esse coquetel Molotov, cujo ingrediente mais forte é justamente o dogmatismo. Isso é uma doença que vem de longe e contra ela não existe vacina. De um lado, o dogmatismo teológico. Disse antes que, na origem, há cumplicidade entre literatura e teologia. Só como exemplo, lembremos os poetas teólogos de Platão e os cantos líricos em louvor da divindade. Começa assim essa história, e vai indo muito bem, até que a teologia se converte em doutrina e se começa a falar em Verdade, assim, com maiúscula. Ora, diante de alguém que fala desse jeito, o outro é sempre suspeito e passível de condenação. É assim que o teólogo vai se transformando num comissário, guardião de uma doutrina, único depositário da verdade. O crítico literário, por sua vez, é envolvido pelo que já se chamou de o "demônio da teoria", e esse demônio sempre se disfarça no interior da ideologia da época: o racionalismo, o positivismo, o ateísmo... E aí, quando os demônios põem as garras de fora, acontece uma pororoca: o encontro do dogmatismo religioso com o dogmatismo laico, e então entram em cena as famosas hermenêuticas redutoras. Para piorar as coisas, os teólogos têm um vício muito antigo e insuportável: estão sempre procurando uma *ancilla*, na pior das hipóteses, um sacristão alfabetizado para ser portador de uma "mensagem". A literatura, que segundo Barthes, desafia o Pai Político e o Pai Religioso, não aceita esse papel. E o que acontece? Platão expulsa os poetas da República, o Papa os ameaça com a excomunhão, e o secretário-geral do Partido diz que são reacionários porque não adotam as "posições corretas" do Grande Irmão. Quando se encontram, teólogos e críticos literários só podem ficar mesmo meio ressabiados e distantes, no mínimo, sem jeito. Diálogo? De um lado, um risinho amarelo — filosófico —, do outro, um risinho amarelo - teologal. E fica nisso.

IHU On-Line - Quando se fala em literatura e teologia, a Igreja é sempre lembrada. Essa lembrança se dá em termos positivos ou negativos. Por quê?

Waldecy Tenório - Essa pergunta é um convite para um pequeno passeio pela história da intolerância religiosa. Os que gostam de erudição poderão começar pelo brado retumbante de Tertuliano:[10] "O que há entre Atenas e Jerusalém?". Mas não precisamos ir tão longe porque o dogmatismo e o fanatismo são venenos que chegam até os nossos dias. Não é raro se ouvir um inacreditável "Não vi e não gostei" vindo do interior de alguma sacristia ou, se dormirmos no ponto, de alguma repartição pública, para ensinar como é que o romance ou o teatro devem tratar de algum tema. Saramago[11] é

de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, ano em que também estréia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Nesse ano, veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos de exposições de arte. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Francesco Petrarca** (1304-1374): importante intelectual, poeta e humanista italiano, famoso, principalmente, devido ao seu Romanceiro. É considerado o inventor do soneto, tipo de poema composto de 14 versos. Pesquisador e filólogo, divulgador e escritor, é tido como o "pai do Humanismo". Mas esse grande latinista deve sua fama principalmente a seus poemas, redigidos em língua italiana. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **George Bernard Shaw** (1856-1950): crítico literário socialista, e uma das principais figuras século XX. Shaw foi um pensador livre, um defensor dos direitos das mulheres e um advogado da igualdade de renda. Em 1925, ao receber o prêmio Nobel de literatura, aceitou a honra, mas recusou o dinheiro. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Conferir a revista IHU On-Line número 32, de 20-08-2007, intitulada *Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo*. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Tertuliano** (155-222): um dos mais importantes escritores eclesiásticos da Antiguidade. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **José Saramago** (1922), escritor português,

um exemplo, sofreu isso recentemente. Quem não se horroriza, pois, só de pensar naqueles "leitores terríveis" de que nos fala Octavio Paz?[12] O arcebispo que perseguia Sóror Juana Inês[13] era um deles. Tudo isso contribui para reforçar o lado negativo da Igreja, quando se trata de pensar a relação entre literatura e teologia. Mas precisamos ver também o outro lado; o mal não reina assim absoluto. É muito significativa a história de Walter Miller[14] sobre os monges que decoravam os livros a fim de preservá-los para o dia em que os homens tivessem a nostalgia da cultura, o que evidentemente nos faz lembrar os monges e os livros na Idade Média. De modo que nem tudo é obscurantismo. Podemos lembrar a esse respeito um célebre encontro entre Graham Greene[15] e o Papa Paulo VI.[16]

"A educação deve entrar no cenário da cultura como um antídoto para o esquecimento do ser, e aí o diálogo entre literatura e teologia é de uma enorme pertinência"

Lá pelas tantas o escritor lembrou-se de perguntar: "O senhor sabe que *O poder e a glória* estão no Índex dos livros proibidos?". O papa arregalou os olhos: "Quem fez isso?". "O cardeal tal", disse o escritor. Paulo VI balançou a cabeça e fez um gesto como quem diz: "esqueça o cardeal tal".

IHU On-Line - Karl-Josef Kuschel insinua que Deus é um péssimo princípio estilístico. Vindo de um teólogo católico, o que isso significa?

Waldecy Tenório - Frank Kermode, um dos mais importantes críticos literários da atualidade, conclui um dos seus ensaios dizendo que os teólogos estão interessados numa espécie de acordo como o que foi feito entre a psicanálise e a ficção. Em outras palavras, eles estão interessados numa aproximação entre a teologia e a crítica literária. Uma prova disso talvez seja justamente o livro *Os escritores e as escrituras*,[17] no qual Kuschel[18] coloca a frase que está no centro dessa pergunta: Deus como um péssimo princípio estilístico. Para avaliarmos o sentido dessa expressão, precisamos lembrar que Kuschel fala como um renomado teólogo católico e um grande conhecedor da literatura, de que dão prova seus estudos sobre Kafka[19] e a literatura alemã em geral. E o que ele diz nesse livro? Paulo Soethe,[20] que escreve o prefácio, resume bem a questão, dizendo que Kuschel afasta-se da arrogância de quem manipula a poesia e a ficção com fins religiosos e também da obtusidade de quem elide, nos textos, os elementos ligados à religião e à fé. A frase de Kuschel, portanto, soa como uma advertência contra essas duas posições sectárias e significa a abertura de um caminho por onde teólogos e críticos literários possam dialogar. E isso melhora muito a situação da Igreja diante dos críticos literários, que, por sua vez, também precisam jogar fora a armadura dos seus dogmatismos. Além disso, quando se fala na aproximação entre literatura e teologia não se pode ficar preso à tradição cristã ou católica. É preciso pensar mais longe, ir em busca da *prisca theologia*, para colocar aí a relação imemorial do homem com o divino, em suas múltiplas formas e na expressão própria de cada tradição.

IHU On-Line - Há lugar na universidade para o diálogo entre literatura e teologia? Podemos dizer que existe uma pesquisa significativa, nessa área, na América Latina e no Brasil?

Waldecy Tenório - Não faz muito, Umberto Eco[21] nos contou a história de um

Nobel de Literatura em 1998. É conhecido por utilizar-se de frases e períodos compridos, usando a pontuação de uma maneira não-convencional (aparentemente incorreta aos olhos da maioria). Entre suas obras, destacam-se: *Os poemas possíveis* (1966), *Provavelmente alegria* (1970), *Deste mundo e do outro* (1971), *Levantando do chão* (1980), *A jangada de pedra* (1986), *A caverna* (2001), *O homem duplicado* (2002) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004). (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Octavio Paz** (1914-1998): escritor e diplomata mexicano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1990. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Sóror Juana Inés de la Cruz** (1648-1695): religiosa católica, poetisa e dramaturga nova-espanhola. Foi a última dos grandes escritores do Século de Ouro. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Walter Michael Miller** (1923 -1996): escritor norte-americano de ficção científica, famoso pela mais importante obra de ficção-científica do pós-guerra, o livro *A canticle for Leibowitz*, 1959. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Graham Greene** (1904-1991): escritor britânico. Começou a escrever desde muito novo para jornais e revistas universitárias. Em 1926, mudou-se para Londres, tendo trabalhado no *The Times* e outros jornais. Durante a Guerra, trabalhou para o serviço de informações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e foi destacado para a África Ocidental, que viria a servir-lhe de cenário para *The heart of the matter*. Viajou como jornalista por vários países, incluindo o México onde se deslocara para estudar as perseguições religiosas que aí tinham lugar, escrevendo depois O Poder e a Glória (1940). É autor de vários romances bem conhecidos e traduzidos em muitíssimas línguas: *Brighton fock* (1938), *The third man* (1949), *O fim da aventura* (1951), *O americano tranqüilo* (1955), *O nosso homem em Havana* (1958) e *The human factor* (1978), entre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Paulo VI** (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Kuschel**, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras* (São Paulo: Loyola, 1999). (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Karl-Josef Kuschel**: teólogo católico alemão que exigiu um diálogo mais intenso entre cristãos, judeus e muçulmanos. Sobre ele, confira um artigo de autoria de Paulo Soethe, publicado na **IHU On-Line** número 249, de 03-03-2008. (Nota do **IHU On-Line**)

19 **Franz Kafka** (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Paulo Soethe**: coordenador do PPG em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Confira nesta edição dois artigos de sua autoria. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Umberto Eco** (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, lingüística e filosofia, dentre os quais destacam-se *Apocalípticos e integrados*, *A estrutura ausente* e *Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado

"Deus e o diabo são personagens obrigatórios, embora às vezes clandestinos, escondidos sob mil disfarces"

estudante que, em plena aula, perguntou: "professor, na época da internet, o senhor ainda serve para alguma coisa?". Claro que uma pergunta como essa é um desafio: onde está, afinal, a essência do ato pedagógico? Por outras palavras, de que se trata? Armazenar informações? Desenvolver habilidades para fazer alguma coisa? Responder às necessidades do mercado? Se for só isso, realmente o professor, não digo que seja dispensável, mas sua função estaria mesmo tão diminuída que a pergunta daquele estudante não seria um disparate completo. Acontece, porém, que o ato pedagógico tem a ver com outras águas, com a correnteza principal do rio que fertiliza a condição humana e deve fertilizar a escola. Ou seja, a educação deve entrar no cenário da cultura como um antídoto para o esquecimento do ser, e aí o diálogo entre literatura e teologia é de uma enorme pertinência. E, felizmente, tem produzido trabalhos de boa qualidade, em diversos países e no Brasil. Desse diálogo, pode brotar a resposta que Shakespeare está esperando de nós há mais de três séculos: a resposta para a questão do ser ou não ser.

IHU On-Line - Além da crença, o diálogo entre literatura e teologia tematiza também a questão do ceticismo?

Waldecy Tenório - Claro, não seria possível desconhecer o encontro entre a fé e o ceticismo no interior da literatura. A literatura traz em si todos os sentimentos humanos: amor, ódio, alegria, tristeza, angústia, desespero, esperança, dúvida, fé... Deus e o diabo são personagens obrigatórios, embora às vezes clandestinos, escondidos sob mil disfarces. O Bem e o Mal, o mistério que todos somos, tudo isso pulsa no romance e na poesia. E depois, lembrando Tillich,[22] Deus está pressuposto na própria situação de dúvida em relação a ele. Então, não há como escapar. A literatura oscila, então, entre o ceticismo e a fé, e daí o desespero e a angústia dos escritores, céticos ou crentes. Uns acreditam, outros não, muitos se desesperam. E há aqueles sempre marcados por uma profunda nostalgia. Não há dúvida de que a fé e o ceticismo são as duas faces de uma mesma moeda, duelam no fundo obscuro do texto como no fundo obscuro da vida. Lembro de Sartre[23] falando de Deus. É surpreendente e muito bonito: "como não conseguiu enraizar-se no meu coração, Deus vegetou em mim algum tempo e depois morreu. Hoje, quando me falam dele, como o homem que encontra uma antiga namorada e sente uma profunda nostalgia, eu penso: há cinqüenta anos, sem aquele mal-entendido que nos separou, poderia ter havido alguma coisa entre nós...".

IHU On-Line - Fazendo um exercício de leitura teopoética, como aparece a relação entre crença e ceticismo na poesia de João Cabral de Melo Neto? Como caracterizar o sagrado em seus poemas?

Waldecy Tenório - João Cabral[24] é um caso exemplar na poesia moderna brasileira. Os ensaios que escreveu, entre os quais podemos lembrar, "Considerações sobre o poeta dormindo", "A inspiração e o trabalho de arte", bem como seu estudo sobre Joan Miró,[25] podem ser incluídos naquela grande tradição dos poetas críticos estudados por Leyla Perrone-Moisés. Basta dizer que a sua "angústia da influência" tem um nome, por si, emblemático: Paul Valéry.[26] Ora, se os surrealistas queriam que o poema fosse a derrota do intelecto, Valéry pensa diferente. Sua obsessão é o *ostinato rigore* de Da Vinci e, portanto, para ele, o poema deve ser "a festa do intelecto". Valéry escreve sob o domínio do claro, do exato, do racional. Seguindo nessa trilha, nosso poeta abandona o momento romântico no qual, segundo Pristley, vivíamos batendo palmas para a sombra da lua e toma outro rumo, vai celebrar o sol. Estamos em pleno Iluminismo, como mostra o poema "A cana e o século XVIII", no qual "a cana é pura enciclopedista / no geométrico, no ser de dia / na incapacidade de dar sombras / mal-assombradas, coisas medonhas". Aqui o sobrenatural não tem vez, tanto mais que João Cabral é ateu e, diz ele, nasceu sem transcendência. No entanto, como em certa canção da MPB, o inesperado faz uma surpresa e o leitor, se estiver atento, é testemunha de uma mudança. A conhecida frase de Adorno,[27] se-

para o cinema. *A ilha do dia anterior*, *Baudolino* e *A misteriosa chama da Rainha Loana* são outras de suas obras. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de ser* (6. ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, poder e justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance é *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio O existencialismo é um humanismo, como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". *Na Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **João Cabral de Melo Neto** (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Pertencia a uma das mais tradicionais famílias do Pernambuco, sendo irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Joan Miró** (1893-1983): importante escultor e pintor surrealista catalão. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Paul Valéry** (1871-1945): filósofo, escritor e poeta francês da escola simbolista. Seus escritos incluem interesses em matemática, filosofia e música. Sua obra poética foi influenciada por Stéphane Mallarmé e influenciou Jean-Paul Sartre. Seu primeiro livro é *Introduction à la méthode de Léonard de Vinci* (1895) e *Discours en l'honneur de Goethe* (1932). (Nota da ***IHU On-Line***)

27 **Theodor Wiesengrund Adorno** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor,

"A literatura oscila, então, entre o ceticismo e a fé, e daí o desespero e a angústia dos escritores, céticos ou crentes"

gundo a qual "o mundo totalmente iluminado brilha sob a luz de uma terrível desventura", encontra sua tradução num verso que diz "Dá-se que hoje dói na vida tanta luz". Resumindo: a poesia de João Cabral acaba por descobrir que o racionalismo nos desumanizou. No mundo da técnica sem o suplemento de alma que Bergson[28] reclamava e no mundo da ciência sem consciência que Morin denunciou, "o esquadro disfarça o eclipse/ que os homens não querem ver". O eclipse é a crise do homem e então o poeta revoluciona a sua astronomia dizendo que "nova espécie de sol / eu, sem contar, descobria". A nova espécie de sol é o ser humano e então, da fase marcada pela astronomia, sua obra passa para uma fase marcada pela antropologia. Não é mais o racional nem o econômico, é o humano que conta. Ora, Rahner nos ensinou que da antropologia para a teologia é um passo. Ao descobrir o homem, João Cabral descobre a sua própria transcendência. E o extraordinário é que se trata de uma mulher. A bailadora andaluza revoluciona a astronomia do poeta quando faz a conexão com o sagrado, aquele sagrado que explode nem que seja na vida severina. Por isso, deixe agora que eu lhe diga, quem aconselha o retirante a pular para dentro da vida? Pode ser Seu José, mas também pode ser São José mestre carpina. Por que não?

definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Henri-Louis Bergson** (1859-1941): escritor e filósofo francês. Herdeiro de um pensamento romântico, propugna, sobretudo, a ação. Ataca a lógica como uma influência nefasta que deve ser vencida, o que o classifica como irracionalista. Sobre ele, confira a revista **IHU On-Line** número 237, de 24-09-2007. (Nota da **IHU On-Line**)

O poder teológico da literatura

O presidente da Soter, Afonso Soares, acredita que a teologia da revelação tem muito a aprender se adotasse um diálogo mais estreito com a literatura em geral e com a literatura bíblica em particular

Por Graziela Wolfart

Divulgação

Para o professor Dr. Afonso Maria Ligorio Soares, o ponto de intersecção entre teologia e literatura é que ambas "são aproximações possíveis das reivindicações humanas, das explicações humanas e da condição humana". Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, o presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter) considera que o maior avanço nesse tema é assumir a tríplice possibilidade de aproximação entre a crítica literária, os estudos dos antigos textos sagrados e a teologia/ciência da religião, sem pretender suprimi-las ou confundi-las. Afonso Maria Ligorio Soares é chefe do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da mesma instituição. É mestre em Teologia Fundamental, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), e doutor em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com pós-doutorado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente, prepara tese de Livre-Docência em Ciências da Religião. É autor de, entre outros, *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso* (São Paulo: Paulinas, 2003).

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a relação entre a teologia e a literatura? Qual é a contribuição que uma área pode dar à outra? Quais os maiores avanços dessa discussão enquanto tema de pesquisa acadêmica e quais os principais "entraves" e desafios?

Afonso Soares - Vou alargar a resposta para a área de Ciência da Religião que, embora distinta, possui evidentes afinidades com a Teologia. Vivemos uma época muito rica de reconhecimento das múltiplas possibilidades de diálogo interdisciplinar na busca de uma aproximação, o mais fidedigna possível, à realidade humana. Nesse sentido, não está isolada a Ciência da Religião quando, na tentativa de melhor (re)conhecer o fenômeno religioso, abraça-o de vários ângulos (antropologia, história, geografia, psicologia, história, física, teologia) e, dentre eles, a crítica literária.

Por sua vez, do lado da própria literatura vem-se construindo uma interessante reflexão que lê a obra de arte como expressão de uma busca de sentido que, comumente, se explicita na indagação filosófica, além de se crer respondida nas mais variadas religiões. Essa aproximação às vezes tem sido chamada de "teopoética" (K.J. Kuschel, Rubem Alves[1], Salma Ferraz[2] etc.).

A perspectiva que temos privilegiado aqui no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP entende que uma aproximação competente da Literatura na forma de crítica literária ajuda ao cientista da religião numa melhor compreensão de seu objeto de pesquisa (seja a religião, ou o sagrado ou seus termos equivalentes).

Por isso, nossa abordagem enfatiza o "poder teológico da literatura", a saber, a capacidade que só a arte e o texto literário possuem de nos levar o mais fundo possível em nossa ardente busca de completude, de respostas, justamente na "morada do ser" (Heidegger).

Há um jogo interessante entre a literatura que se interessa pelo teologal como matéria-prima do discurso e o teológico (teologia) que se interessa pela literatura como "linguagem de empréstimo" (expressão usada por H. Lima Vaz[3]). O ponto de intersecção é que ambas, literatura e teologia, são aproximações possíveis das reivindicações humanas, das explicações humanas e da condição humana (filosofia, arte, literatura).

Concordo com um dos especialistas nesse diálogo literatura-teologia, José Carlos Barcellos[4] (infelizmente, recém falecido em fevereiro passado), quando distingue as três abordagens possíveis da mútua relação teologia-literatura:

A) a leitura teológica de uma obra literária (é o que faz, por exemplo, Antonio Manzatto quando lê os romances de Jorge Amado);

B) a percepção do próprio texto literário como portador de uma reflexão teológica (por exemplo: Adélia Prado e, cada vez mais, o próprio Rubem Alves)

C) os elementos religiosos, proposições teológicas presentes na obra literária como simples aspectos da cultura e da linguagem de um povo (neste caso, o poeta/romancista serve-se de elementos religiosos em sua obra apenas porque estão presentes na cultura e na linguagem; não quer, em princípio, questioná-los ou defendê-los *a priori*).

Enfim, há ricas possibilidades de diálogo entre a crítica literária, os estudos dos antigos textos sagrados e a teologia/ciência da religião. Mas como você pergunta por entraves e avanços, creio que o maior avanço é assumir essa tríplice possibilidade de aproximação, sem pretender suprimi-las ou confundi-las. O entrave está justamente no contrário: não perceber essa distinção ou reivindicar a legitimidade de um olhar (o do teólogo sistemático, por exemplo) em prejuízo de outro (o do crítico literário, no caso).

IHU On-Line - Qual é a importância literária de textos com linguagem poética escritos por místicos cristãos, como São João da Cruz ou Santa Teresa de Ávila? E o que o senhor pensa da qualidade literária dos textos de oradores sacros, como Antônio Vieira?

Afonso Soares - Há que se ver caso a caso. Os exemplos citados — São João da Cruz,[5] Santa Teresa de Ávila[6] e Antô-

1 **Rubem Alves** (1933): psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, autor de livros e artigos sobre temas religiosos, educacionais e existenciais, além de uma série de livros infantis. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira:** doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, é professora na Universidade Federal de Santa Catarina e atua na Pós-Graduação, orientando projetos de pesquisa na área de Teopoética e estudos comparados entre Teologia e Literatura. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz** (1921 – 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A **IHU On-Line** número 19, de 27 de maio de 2002, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz. Sobre ele também pode ser consultado na **IHU On-Line** nº 140, de 9 de maio de 2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23 de maio de 2005, publicou a editoria Memória. Confira, ainda os seguintes materiais, publicados pela **IHU On-Line**: uma entrevista intitulada "Vaz e a filosofia da natureza", com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06; a entrevista "Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa", com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06; os artigos "O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental", na edição 185, de 19-06-06, e "Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz", na edição 189, de 31-07-06, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a **IHU On-Line** edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa ***A política em tempos de niilismo ético***. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada "Crise de fundamentos éticos do espaço público", e com Marcelo Perine, "Padre Vaz e o diálogo com a modernidade". (Nota da **IHU On-Line**)

4 Confira, nesta edição, um depoimento de Paulo Soethe sobre José Carlos Barcellos. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **João de Yepes ou São João da Cruz** (1542-1591): Ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567, encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado "Patrono dos Poetas Espanhóis". Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Teresa de Ávila** (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Sobre Teresa, confira *Teresa - A santa apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995); *Santa Teresa de Jesus - "Livro*

"São João da Cruz, Santa Teresa de Ávila e Antônio Vieira são uma feliz síntese entre experiência mística e qualidade literária dos textos dela decorrentes"

nio Vieira[7] — são, evidentemente, uma feliz síntese entre experiência mística e qualidade literária dos textos dela decorrentes. Mas o casamento não é automático. Pode haver santos analfabetos ou ruins de poesia convivendo com artistas da palavra que repudiam qualquer insinuação de leitura mística de seu talento literário. Para mim, está justamente aí o fascínio dessa aproximação; ela não é óbvia. E, muitas vezes, estará onde não imaginaríamos que estivesse. Por isso, tendo a preferir uma abordagem que enfatize o "poder teológico da literatura" (por ser mais imprevisível) antes de investigar o poder literário da teologia, embora também seja importante essa perspectiva de estudo.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre a Bíblia enquanto obra literária?

Afonso Soares - Compartilho da descoberta confessada por Robert Alter[8] em *A arte da narrativa bíblica* (recentemente publicado no Brasil pela Companhia das Letras): a Bíblia tem muito a ensinar a quem quer que se interesse por narrativa. Sua arte, diz Alter, "parece simples, mas é maravilhosamente complexa" e bem por isso é um "exemplo magnífico das grandes possibilidades da narrativa". Basta acompanharmos o que têm escrito Northrop Frye[9] (*O código dos códigos*. São Paulo: Boitempo), Harold Bloom[10] (*Jesus e Javé*. Rio de Janeiro: Objetiva), e Jack Miles[11] (*Deus, uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras).

Também concordo com Alter quando este afirma que os estudos da Bíblia como literatura precisam ir além da análise das estruturas formais e investir numa compreensão mais profunda dos valores, da perspectiva moral contida num tipo particular de narrativa. Essa volta à Bíblia como texto literário talvez seja uma das últimas chances de *aggiornamento* e conversão para a teologia cristã. Ler a Bíblia sempre incomodou os teólogos (escolásticos, acadêmicos, liberacionistas etc.) porque tira nosso chão conceitual, estremece a precisão das formulações dogmáticas, nos joga na cara que fazer teologia (como diz Rubem Alves) não é falar sobre o mistério, mas estar diante dele. Creio que a teologia da revelação (teologia fundamental) teria muito a aprender se adotasse com carinho um diálogo mais estreito com a literatura em geral e com a literatura bíblica em particular.

IHU On-Line - Quem o senhor cita como grandes nomes da literatura de língua portuguesa em relação com a teologia?

Afonso Soares - Eu diria apenas o seguinte: se são grandes nomes da literatura em língua portuguesa [e grandes não são necessariamente os mais famosos ou mais badalados na mídia], então já estão em relação com a teologia. Porque a boa teologia vai se deixar provocar pelo que escreveram ou estão escrevendo. Explicitar essa relação e tirar dela algumas conseqüências é tarefa de nós outros, do lado de cá. Há nomes para todos os gostos e pressupostos (porque a teologia é das raras ciências que põe a público seus pressupostos): de Antonio Vieira a Saramago e Lobo Antunes[12], sem esquecer Mia Couto[13] e os africanos; entre nós, Machado de Assis[14] a Guimarães Rosa,[15] de Cruz e Sousa[16] a Adélia Pra-

da vida" (4. ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1983). (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Antônio Vieira** (1608-1697): Padre jesuíta, diplomata e escritor português. Veio para o Brasil em 1915 e logo começou seus estudos no Colégio dos Jesuítas. Mais tarde, ingressou na Companhia de Jesus. Foi um grande orador sacro. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; Defesa perante o tribunal do Santo Ofício (1957), composto por dois volumes e *Arte de furtar*, escrito em 1744, porém, de autoria duvidosa. Sobre Antônio Vieira, confira a **IHU On-Line** número 244, de 19-11-2007. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com Robert Alter. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Herman Northrop Frye** (1912-1991): crítico literário canadense, um dos mais célebres do século XX. Seu livro *O código dos códigos* (The great code, no original) examinou como as cenas e imagens da Bíblia são a base de toda a literatura ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Harold Bloom** (1930): professor e crítico literário norte-americano, conhecido como humanista porque sempre defendeu os poetas românticos do século XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Jack Miles** (1942) autor americano e vencedor do Prêmio Pulitzer e do MacArthur Fellowship. Seu trabalho sobre religião, política e cultura tem sido publicado em inúmeras publicações, incluindo *The New York Times*, *The Boston Globe*, *The Washington Post*, e *The Los Angeles Times*. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **António Lobo Antunes** (1942): considerado um dos mais importantes autores da literatura portuguesa do século XX, vive em Lisboa, dedicando-se exclusivamente à escrita. Recebeu, em 2007 o Prêmio Camões, mais importante galardão literário de língua portuguesa. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Mia Couto** (1955): um dos escritores moçambicanos mais conhecidos no estrangeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Joaquim Maria Machado de Assis** (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Atica, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela **IHU On-Line** com Maílde Trípoli, em 20-04-2007, no site www.unisinos.br/ihu, intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 2 de maio de 2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título "Sertão é do tamanho do mundo". 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. De 25 de abril a 25 de maio de 2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. O IHU promove, de 30 de setembro a 3 de outubro deste ano o Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa. Mais informações no sítio WWW.unisinos.br/ihu (Nota da **IHU On-Line**)

16 **João da Cruz e Sousa** (1861-1898): poeta brasileiro, alcunhado Dante Negro e Cisne Ne-

do, sem esquecer os que desagradam os críticos porque populares (como Jorge Amado).

IHU On-Line - Falando sobre o ensino-religioso como disciplina escolar, qual seria o papel do recurso da literatura na discussão simbólico-religiosa em sala de aula?
Afonso Soares - Eis uma discussão que não pode mais ser adiada. Estamos no começo de uma salutar aproximação entre Ensino Religioso e Ciência da Religião, que deveria paulatinamente ir afastando o fantasma dos modelos catequético e teológico para o ensino religioso nas escolas (sobretudo nas públicas). Muitos ainda não entenderam isso. Há pressões no Congresso Nacional (de evangélicos e católicos ultraconservadores) para fazer regredir a Lei que dispõe sobre o Ensino Religioso para o modelo catequético (cada um vai à escola e aprende a religião dos pais ou a do professor). O recurso à literatura, se bem informado dos resultados já atingidos nessa nova aproximação entre literatura e teologia, seria uma estratégia muito bem-vinda de sensibilização de crianças e jovens para o sentimento religioso, a espiritualidade, os valores, a cidadania e o respeito pelo outro em sua diversidade.

IHU On-Line - Qual é a contribuição da literatura para a teologia do diálogo inter-religioso?
Afonso Soares - De forma semelhante, os resultados do diálogo entre crítica literária e reflexão teológica são preciosos para a descoberta de pontos comuns entre as religiões no que diz respeito à espiritualidade, aos valores e à disposição de aprender de quem é diferente. A área de mística comparada[17] tem feito avanços importantes nessa direção no cotejo dos textos sagrados de diferentes tradições espirituais. Uma literatura comparada possui potencial para uma bela contribuição nessa direção.

gro. Foi um dos precursores do simbolismo no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)
17 Sobre o tema "Mística comparada", confira uma entrevista com Faustino Teixeira, publicada na 133ª edição da **IHU On-Line**, de 21 de março de 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

Um mergulho na narrativa bíblica

Para o especialista na narrativa dos textos bíblicos Robert Alter, a erudição levantou graves questões sobre a confiabilidade da Bíblia como relato histórico

Por Graziela Wolfart

Divulgação

Robert Alter, autor de *A arte na narrativa bíblica*, constata: "a Bíblia nos dá muitas representações penetrantes da natureza humana, da família, do domínio da política e muito mais, o que ainda é relevante para nossas vidas individuais e coletivas". E, sobre a atualidade da Bíblia, ele é enfático: "os insights da literatura e de outras artes permanecem frescos e relevantes, mesmo depois de dois milênios e meio". Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele fala sobre as características que marcam os textos e os diálogos da Bíblia Sagrada e ressalta a importância das convenções literárias dos textos antigos para compreendermos mais nitidamente o que se passa neles. Um dos principais críticos literários americanos, Robert Alter é professor da Universidade Berkeley, nos EUA. Entre seus livros publicados em português, citamos *Anjos necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem* (Rio de Janeiro: Imago, 1992), *Em espelho crítico* (São Paulo: Perspectiva, 1998), e, claro, *A arte da narrativa bíblica* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido podemos comparar as narrativas bíblicas com os grandes clássicos da literatura?
Robert Alter - As narrativas bíblicas me parecem plenamente comparáveis aos grandes clássicos da literatura, antigos e modernos. Elas refletem um senso insidioso de estrutura narrativa e de uso e sofisticados estilos de prosa. Elas nos dão vigorosas representações de caráter, freqüentemente com grande profundidade psicológica. Como Erich Auerbach[1] argumentou muito tempo atrás, os personagens bíblicos desenvolvem-se no tempo, diferente dos personagens homéricos que são imutáveis, e isso os torna mais próximos dos personagens na grande tradição realística do romance.

1 **Erich Auerbach** (1892-1957): filólogo alemão e estudioso de literatura comparada assim como crítico de literatura. Seu trabalho mais conhecido é *Mimesis*, uma história da representação na literatura ocidental dos tempos antigos até os modernos. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Quais elementos artísticos e narrativos são mais comuns nos livros bíblicos? Em que medida eles enriquecem os textos no sentido literário?

Robert Alter - Se eu tivesse que escolher um único elemento artístico que é manifestado de diferentes maneiras através da Bíblia, seria o uso da repetição com significante diferença. Isso se vê na poesia, na qual o verso é construído sobre um princípio que parece com sinonimidade entre duas metades paralelas do verso, mas onde, na verdade, o desenvolvimento quase sempre toma lugar — aumento, intensificação, focalização, concretização do material, da primeira metade do verso na segunda. Nas narrativas, o tempo todo frases e sentenças inteiras são repetidas, quer por diferentes personagens, quer por um personagem ou por um narrador. Mas, na vasta maioria dos casos, existem pequenas mudanças abruptas da repetição literal: itens são substituídos ou apagados, novos itens adicionados, a ordem dos termos mudada. E essas mudanças abruptas do literal são quase sempre pontos em que um novo sentido é revelado. No nível do argumento (mote), geralmente parece como se a mesma história estivesse sendo contada sobre personagens diferentes, mas um exame cuidadoso mostra que elementos do argumento compartilhado são modificados para mostrar-nos algo específico a respeito do personagem cuja história está sendo narrada.

IHU On-Line - Como a compreensão da composição literária da Bíblia facilita na interpretação do sentido dos relatos bíblicos?

Robert Alter - Qualquer escritor literário trabalha com um conjunto complexo de convenções e técnicas que são compreendidas geralmente pelos leitores porque são automáticos na cultura. O problema com a Bíblia é que, ao longo dos séculos, conforme seus textos são lidos estritamente em termos teológicos, perdemos as chaves para essas convenções. Na tentativa de recuperar os princípios artísticos com os quais os antigos escritores hebreus compuseram seus trabalhos, podemos ver mais plenamente o que está acontecendo nas histórias — quais são as implicações de uma inserção particular de diálogo, da recorrência de um tema, de um paralelo entre dois episódios etc.

IHU On-Line - Na sua opinião, por que os textos da Bíblia são escritos em prosa, e não em verso? Qual a razão de ter tantos diálogos nos relatos?

Robert Alter - A prosa é, para começar, o sinal do literário em contraposição à composição oral — uma significativa mudança no mundo antigo. A poesia é literalmente memorável, prestando-se à memorização, considerando que a prosa tem uma flexibilidade e nuance que é um pouco diferente. Eu também assino embaixo da explicação proposta por estudiosos de que os escritores hebreus quiseram diferenciar seu trabalho dos épicos poéticos amarrados em mitologia pagã das culturas vizinhas. O diálogo é extremamente proeminente nessas narrativas em prosa. Por isso, em parte, foi uma cultura que sublinhou a importância da linguagem e como o uso e a manipulação da linguagem têm conseqüências práticas. É também uma tradição narrativa que destaca a interação de figuras individualizadas falando entre si e respondendo umas às outras. Em Homero, existem grandes, comoventes discursos (falas), mas são falas, e não exibem o notável dar e receber do diálogo que se encontra na Bíblia hebraica.

IHU On-Line - Qual é o grau de confiabilidade da Bíblia enquanto relato histórico? Enquanto texto literário, o senhor considera-a uma obra coesa ou contraditória?

Robert Alter - A erudição levantou graves questões sobre a confiabilidade da Bíblia como relato histórico, e os registros arqueológicos muitas vezes não confirmam o que encontramos na Bíblia. Mas isso não compromete a autoridade da Bíblia como coleção de trabalhos literários. As narrativas, para usar uma distinção proposta por Hans Frei,[2] são "como-história" em vez de rigorosamente históricas, e isso deve ser suficiente para nós, leitores. A Bíblia é, além de tudo, uma antologia histórica de escritos hebreus abrangendo quase 900 anos e que, portanto, reflete os pontos de vista e agendas de muitos escritores diferentes que freqüentemente discordam entre si. A heterogeneidade acrescenta interesse a ela, na minha opinião.

"A Bíblia é, além de tudo, uma antologia histórica de escritos hebreus abrangendo quase 900 anos"

IHU On-Line - Como entender a atualidade da Bíblia? O que explica o interesse do leitor contemporâneo em revisitar textos da cultura ocidental de tantos séculos atrás?

Robert Alter - Acredito que a grande literatura jamais fica datada. *Édipo Rei* ainda é um persuasivo drama sobre o fútil esforço humano para escapar da necessidade do destino, mesmo que não partilhemos as idéias de Sófocles a respeito de oráculos e deuses. A Bíblia nos dá muitas representações penetrantes da natureza humana, a família, o domínio da política e muito mais (eu

2 **Hans Wilhelm Frei** (1922-1988): teólogo conhecido por sua obra na área de hermenêutica bíblica, especificamente na interpretação da narrativa. Dois de seus livros são fundamentais para se compreender a nova ênfase dada pela teologia à narrativa: *The eclipse of biblical narrative* ("O eclipse da narrativa bíblica"), de 1974, uma análise da hermenêutica bíblica nos séculos XVIII e XIX, e *The identity of Jesus Christ* ("A identidade de Jesus Cristo"), de 1975, em que sugere que a teologia deve ser construída a partir da natureza narrativa dos evangelhos. Junto de outros teólogos como George Lindbek e David Kelsey, tomou parte do movimento conhecido como Escola de Yale, também chamado de pós-liberalismo ou teologia narrativa (dependendo da ênfase de quem classifica), cujo foco está no caráter hermenêutico (e narrativo) da vida e da prática das comunidades cristãs. (Nota da **IHU On-Line**)

mencionaria as histórias de Jacó e José e seus irmãos e a de Davi como exemplos especialmente poderosos), que ainda são relevantes para nossas vidas individuais e coletivas. Se você já teve um irmão, a comovente história da alienação de José e seus irmãos e então, após vários anos de separação, o grande ápice de revelação, "Eu sou seu irmão José", tocou você. Faria clamor semelhante para a poesia bíblica — os Salmos, Jó, os Profetas. No que concerne à tecnologia, novos desenvolvimentos devem fazer dos velhos obsoletos, mas os *insights* da literatura e de outras artes permanecem frescos e relevantes, mesmo depois de dois milênios e meio.

IHU On-Line - Qual é a especificidade do Gênesis enquanto obra literária?
Robert Alter - Não estou certo de que seja possível reduzir o Gênesis a um único sentido específico. É organizado em dois grandes painéis de diferentes tamanhos — primeiro, a História Primitiva e, então, as Narrativas Patriarcais. A conexão temática entre elas poderia ser o padrão do reverso da primogenitura, uma idéia que tem amplas implicações teológicas e históricas para a antiga Israel. Quando o moribundo Jacó, abençoando seus dois netos, cruza suas mãos, a despeito dos protestos de José, colocando a mão direita na cabeça do mais novo e a esquerda na do mais velho, temos um tipo de ideograma sumarizado do Livro do Gênesis.

IHU On-Line - O senhor se diz um arqueólogo literário. Qual é a principal riqueza em relacionar teologia e literatura?
Robert Alter - Como indiquei em minha resposta à terceira questão, cobrir as convenções literárias dos textos antigos nos habilita a enxergar mais nitidamente o que se passa neles. Esses escritores foram, claro, impelidos por motivos religiosos urgentes — não estou certo se o termo abstrato "teologia" se aplica rigorosamente a eles —, mas eles escolheram depositar sua visão religiosa na maior parte em artística narrativa e forte poesia. Então, se você vê mais claramente como a narrativa e a poesia funcionam, você também chegará a uma profunda compreensão das nuances e complexidade de suas visões religiosas.

A fé poética dos crentes literários

Na opinião do doutor em Literatura Rafael Camorlinga Alcaraz, literatura e teologia podem colaborar em pé de igualdade, embora com incumbências e objetivos específicos

"Entre os escritores, assim como entre outros profissionais, há crenças de todo tipo. O que eles têm em comum, entre si e com os leitores, é a fé poética que os torna 'crentes literários'." A reflexão é do mexicano Rafael Camorlinga Alcaraz, que reside no Brasil desde 1985. Licenciado e mestre em Teologia pela Universidade Lateranense, de Roma, e licenciado em Lingüística pela UFPR e UFSC, é também doutor em Literatura pela UFSC e pela UNAM, do México. Atualmente, é professor na graduação e na pós-graduação da UFSC, nas disciplinas de língua espanhola e literatura latino-americana e na área de literatura comparada, tendo como linha de pesquisa a Teopoética – Literatura e teologia. Na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line**, Camorlinga afirma: "ainda que a preocupação mor da teologia seja com o *verum* (verdadeiro), ela não pode abrir mão do *pulchrum* (belo), sob pena de tornar-se 'feia'; nem a literatura, voltada para a estética, pode desdenhar da ética, pois se tornaria apenas 'cosmética'".

IHU On-Line – Como o senhor descreve a relação entre literatura e teologia no passado e nos dias atuais?

Rafael Camorlinga Alcaraz - Num passado remoto, na antiguidade, inexistia a preocupação por separar *mythos* e logos (mito-discurso racional). A mitologia explicava tudo, apelando para Deus ou para deuses. Porém, para dizer o "indizível" e nomear o "inominável", as narrações tiveram que assumir formas, às vezes, altamente literárias. São emblemáticos a este respeito os textos bíblicos, do Gênese ao Apocalipse, passando pelos Evangelhos que compendiam os ditos e feitos de Jesus Cristo, poeta por excelência (Paulo Leminski).[1]

Durante o longo período medieval predominou, inconteste, a teologia. A própria filosofia não era mais que *ancilla* (serva) daquela. A linguagem cunhada então era precisa e objetiva, longe da ambigüidade e subjetividade próprias do discurso literário.

No entanto, como o ser humano "não vive só de pão", mas também de ficções, surgiram os hinos litúrgicos, a poesia mística e os escritos hagiográficos que combinaram o arroubamento místico com a inspiração poética.

A reação contra a Idade Média, ensejada pelo Iluminismo, acarretou a desconfiança perante os escritos teológicos e inaugurou o que viria a chamar-se "secularização". Aproximamo-nos, assim, da época atual em que as ciências teológica e literária, ambas humanas, podem colaborar em pé de igualdade, embora com incumbências e objetivos específicos.

1 **Paulo Leminski** (1944-1989): natural de Curitiba, foi escritor, poeta, tradutor e professor de história e redação. Também foi letrista e músico, tendo uma de suas composições, "Verdura", gravada pelo cantor Caetano Veloso. Dentre as suas obras, destacam-se: *Caprichos e relaxos* (São Paulo, Brasiliense, 1983) e *Distraídos venceremos* (São Paulo, Brasiliense, 1987). (Nota da **IHU On-Line**)

"Tendo ambas como denominador comum o ser humano e utilizando-se do mesmo instrumento, isto é, a linguagem, para atingi-lo, as interferências tornam-se inevitáveis. Daí a possibilidade de cooperação ou o risco de conflito, 'a relação tensa entre teologia e literatura'"

IHU On-Line – O senhor considera que essa relação entre literatura e teologia pode ser considerada pacífica?
Rafael Camorlinga Alcaraz - Remetendo à questão anterior, o movimento laicista e a conseqüente secularização delimitaram os campos. Estes são teoricamente estanques, mas, na prática, ficam permeáveis às incursões recíprocas. Ainda que a preocupação-mor da teologia seja com o *verum* (verdadeiro), ela não pode abrir mão do *pulchrum* (belo), sob pena de tornar-se "feia"; nem a literatura, voltada para a estética, pode desdenhar da ética, pois se tornaria apenas "cosmética".

Tendo ambas como denominador comum o ser humano e utilizando-se do mesmo instrumento, isto é, a linguagem, para atingi-lo, as interferências tornam-se inevitáveis. Daí a possibilidade de cooperação ou o risco de conflito, "a relação tensa entre teologia e literatura" preconizada por Kuschel.

IHU On-Line – Como entender um certo distanciamento que acontece entre teólogos e críticos literários?
Rafael Camorlinga Alcaraz - O distanciamento, e até desconfiança recíproca, entre os estudiosos da teologia e da literatura pode considerar-se como resultado do relacionamento entre as respectivas áreas do saber. O de se considerar "dono da verdade", seja em nome da revelação sobrenatural, seja em virtude da inspiração artística, pode conduzir a um isolamento empobrecedor.

É possível, no entanto, haver uma sincera preocupação com a pureza teológica, por uma parte, e artística, por outra. Além do que foi dito anteriormente, cabe assinalar as exigências dos respectivos cânones e a fé que eles alicerçam: fé teológica e fé poética. Enquanto a primeira prima pela exatidão e exige acatamento onímodo, a segunda pede apenas a "suspensão da descrença", sem mais injunções que a perda da fruição estética.

Em suma, não é de se estranhar que a tensão detectada entre teologia e literatura se reflita nos respectivos expoentes. Felizmente, as tentativas bem-sucedidas em prol do encontro "dialógico" são freqüentes. Temos R. Guardini,[2] do campo teológico. Já do lado oposto, basta lembrar Jorge Luis Borges,[3] que detonou os limites entre teologia e literatura ao afirmar: "todo homem culto é teólogo, e para isso não é necessária a fé".

IHU On-Line – Qual é o lugar da Igreja nessa complexa relação entre literatura e teologia?
Rafael Camorlinga Alcaraz - Falar da Igreja (católica) quando o assunto envolve a teologia, é compreensível. Ela se considera a legítima herdeira da revelação bíblica, acrescida e interpretada pela Tradição e pelo Magistério. É a Igreja que, mediante o Papa e os Bispos, administra o *depositum fidei* (depósito da fé). E, uma vez que está em jogo nada mais nada menos que a salvação eterna do cristão, pois "fora da Igreja não há salvação" (*extra Ecclesiam nulla salus*), a autoridade incumbida de tamanha responsabilidade não pode falhar: é infalível. Daí a intransigência e a intolerância em questões que ela julga essenciais.

Estudiosos do fenômeno literário, a exemplo de Alceu Amoroso Lima,[4] Octavio Paz e Northrop Frye,[5] associam a inspiração literária, sobretudo a poética, ao impulso religioso. Mas esse impulso criador, segundo Paz, ultrapassa os limites impostos pelas igrejas. Estas, aliás, não têm direito de administrar ou de fiscalizar as criações do espírito, que "sopra onde quer" (João 3, 8): dentro, fora ou até contra a instituição.

IHU On-Line – Qual é a sua opinião sobre a insinuação de Karl-Joseph Kuschel, um teólogo católico, de que Deus é um péssimo princípio estilístico?
Rafael Camorlinga Alcaraz - Ao que tudo indica, a questão visa a indagar se a literatura pode ser reduzida ao papel de meio para atingir determinado objetivo ou bandeira para lutar em prol de uma causa. A resposta do crítico alemão é contundente: não. E se a causa for divina? Idem. A obra a serviço da religião facilmente pode acabar engrossando o volume de escritos apologéticos ou parenéticos, de escasso ou nenhum valor literário. Nesse sentido, aponta G. Benn, o primeiro dos autores citado por Kuschel: "quando a gente se torna religioso, abranda a expressão... Dá-se o afrouxamento do estilo". Análogo ponto de vista é mantido também por outros escritores:

2 **Romano Guardini** (1885-1968): nascido em Verona, na Itália, foi sacerdote, escritor, e teólogo católico-romano. Teve forte influência na teologia católica-romana no século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Jorge Luis Borges** (1899-1986): foi escritor, poeta, tradutor e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos e histórias curtas. Sua obra se destaca por abordar temáticas como a filosofia e seus desdobramentos matemáticos, como metafísica, mitologia e teologia. Sobre ele, confira a **IHU On-Line** número 193, de 28-08-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Alceu Amoroso Lima** (1893-1983): Nascido no Rio de Janeiro, foi crítico literário, professor, escritor e líder católico brasileiro. Quando passou a se tornar crítico, adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde, para distinguir a sua atividade industrial da literária. Publicou dezenas de livros sobre os temas mais variados, dentre os quais destacam-se *Idade, sexo e tempo* (Rio de Janeiro: Agir, 1938) e *O gigantismo econômico* (Rio de Janeiro: Agir, 1962). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Herman Northrop Frye** (1912-1991): Foi um dos mais célebres críticos literários canadenses do século XX. Chegou a proeminência internacional quando ainda era estudante, na Universidade de Toronto. Se ocupou da crítica social e cultural e, com isso, recebeu 39 títulos honorários. *Anatomia da crítica* (São Paulo: Editora Cultrix, 1973) é um dos mais importantes trabalhos da crítixa literária de sua época. (Nota da **IHU On-Line**)

"não se faz boa literatura com bons sentimentos" (André Gide).[6]

Entretanto, se a discussão remete ao debate em torno à literatura engajada, a resposta pode assumir diversos matizes. Surge, de um lado, "a arte pela arte", tendo como resultado obras alheias aos avatares da Humanidade; é o caso da literatura fantástica. No outro extremo, está a "literatura engajada", geralmente comprometida com as questões sociais. Precisamos admitir que ambas as tendências produzem obras-primas. Contra os defensores ferrenhos do "fundamentalismo estético", costuma aduzir-se a dificuldade de se equilibrar "em cima do muro". Afinal, o que é que realmente interessa? "Nada disso é importante", responde Sartre. E acrescenta: "O mundo pode passar sem literatura. Mas pode passar ainda melhor sem o homem".

IHU On-Line – Como aparece na academia o diálogo entre literatura e teologia, principalmente na América Latina e no Brasil?

Rafael Camorlinga Alcaraz - Entre as vozes que inauguraram o diálogo, abrangendo a literatura ocidental, estão R. Guardini, antes mencionado, e Ch. Möller. Ambos são teólogos e homens da Igreja, mas com sólidos conhecimentos e rara sensibilidade perante o universo literário. Como interlocutores do mundo laico temos, entre outros, os autores que abordam a Bíblia "como literatura"; merece especial destaque o crítico N. Frye. Cabe também mencionar *Deus, um delírio*, de Richard Dawkins.[7] É um livro assaz polêmico, mas contribuirá certamente para o diálogo, e até mesmo o debate, ao confrontar a religião com a ciência.

"Não é raro constatar que a descrença ou agnosticismo assumidos teoricamente pelos escritores são negados pelo que eles expressam 'literariamente'"

No que se refere à América Latina, constata-se que ainda não há um "verdadeiro diálogo entre literatura e teologia" (A. Magalhães). "Matéria-prima"? A abundante produção literária tratando assuntos direta ou indiretamente relacionados com a religião. O interesse das instituições religiosas nesse "garimpo" literário é ainda pouco expressivo.

Como eventos significativos, podemos citar o encontro regional promovido pelo Celam (Consejo Episcopal Latinoamericano) no fim do século passado: "Agoniza Dios? – La problemática de Dios en la novela latinoamericana" e "Diálogos entre literatura, estética y teología", tema de "Terceras Jornadas", celebradas na UCA (Universidade Católica Argentina), em 2007.

No Brasil, cabe assinalar os escritos: "Literatura e Espiritualidade", de José C. Barcellos;[8] "Teologia e Literatura", de Antonio Manzatto;[9] e "Deus no espelho das palavras", de Antonio Magalhães. Como evento de importância está o "Primeiro Colóquio Latino-americano de Literatura e Teologia", celebrado no Rio de Janeiro em abril de 2007, com a participação de representantes de outras nações de América do Sul. Na ocasião foi fundada a Alalite (Associação Latino-americana de Literatura e Teologia).

A teologia não tem o *status* de disciplina nas universidades públicas brasileiras. Na UFSC, ela entra no bojo dos estudos filosóficos e literários do curso de Pós-Graduação. Além disso, a partir de 2006, funciona nela o Nutel (Núcleo de teologia e literatura), voltado para a pesquisa da produção literária na vertente metafísica.

IHU On-Line – Para o senhor, a relação entre literatura e teologia dá lugar também à questão do ceticismo?

Rafael Camorlinga Alcaraz – Geralmente, os temas abordados pelos estudos teo-literários lidam com a crença e seu reverso: a descrença ou a "anti-crença". As obras que se ocupam destes temas são as que atraem o interesse de estudiosos e leitores em geral. Já se olharmos para o credo dos escritores poderemos nos deparar com algumas surpresas. Não é raro constatar que a descrença ou agnosticismo assumidos teoricamente pelos escritores são negados pelo que eles expressam "literariamente". Bipolaridades desse tipo constatam-se em escritores como Rulfo[10] e Borges. A indiferença religiosa ou o ceticismo professado por eles contrasta com o que dizem e fazem os personagens dos seus escritos. Nada demais se lembramos que, com alguma freqüência, o autor torna-se marionete de seus personagens.

Não é incomum que os escritores se assumam como gnósticos ou agnósticos, portanto, aproximando-se ao ceticismo. Segundo Harold Bloom,[11] "a religião da literatura, na prática, é o gnosticismo", definido como "conhecimento que libera a mente criativa dos ditames da teologia, do historicismo e de qualquer divindade que se anteponha àquilo que existe de mais criativo no eu". Em suma, entre os escritores, assim como entre outros profissionais, há crenças de todo tipo. O que eles têm em comum, entre si e com os leitores, é a fé poética que os torna "crentes literários".

6 **André Paul Guillaume Gide** (1869-1951): Foi um escritor francês e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1947. Foi o fundador da Editora Gallimard e da revista Novelle Revue Française. Entre suas obras mais importantes estão: *Os frutos da terra* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982), *Córidon* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985) e *A sinfonia pastoral* (Rio de Janeiro: Francisco Alvez. 1985). (Nota da **IHU On-Line**)

7 ***Deus, um delírio*** (São Paulo: Cia das Letras, 2007), de Richard Dawkins, publicada em 2006 sob o título *The God delusion*. Esta obra inspirou o tema de capa da revista **IHU On-Line** número 245, de 26/11/2007, que teve como título "O novo ateísmo em discussão" (Nota da **IHU On-Line**)

8 **José Carlos Barcellos**: doutor em Letras pela USP e em Teologia pela PUC-Rio. É professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. Confira, nesta edição, um depoimento de Paulo Soethe sobre José Carlos Barcellos. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Antonio Manzatto**: doutor em Teologia pela Univerdade de Lausanne, na Bélgica. Atualmente, é o diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Arquidiocese de São Paulo. *(Nota da* **IHU On-Line***)*

10 **Juan Rulfo** (1917-1986): escritor mexicano considerado o principal precursor do chamado-realismo mágico latino-americano. Escreveu, entre outras obras, *Pedro Páramo* e *El llano en llamas* (São Paulo: Círculo do Livro, 1977). (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Harold Bloom** (1930): professor e crítico literário norte-americano. (Nota da **IHU On-Line**)

“Quase todas as grandes obras da literatura mundial têm dimensão religiosa”

Autor do *Manual de teologia e literatura*, o alemão Georg Langenhorst não acredita num diálogo entre as duas áreas, mas em encontros excitantes e frutíferos

Por Graziela Wolfart

Divulgação

Na visão do teólogo alemão Georg Langenhorst, “a literatura escreve contra o esquecimento, fornece modelos de vida exitosa, serve para a auto-reflexão e para um olhar em direção a uma vida melhor, tanto para indivíduos como para comunidades”. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele fala sobre essa complexa relação e afirma que “o olhar sobre a literatura pode possibilitar uma visão mais livre sobre o modo como a religião está hoje ancorada na vida”. Professor na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Augsburg, Alemanha, Langenhorst é autor de diversas publicações, especialmente sobre a relação entre teologia e literatura. Aqui, citamos alguns dos seus livros: *Gedichte zur Bibel* (Poemas da Bíblia)(München: Kösel-Verlag, 2001), *Gedichte zur Gottesfrage* (Poemas à pergunta de Deus) (München: Kösel-Verlag, 2003) e seu fundamental *Manual de “teologia e literatura”*, publicado em alemão, sob o título *Theologie und Literatur. Ein Handbuch* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a importância de relacionar teologia e literatura em nossa sociedade, marcada pela secularização?

Georg Langenhorst - No contexto das culturas européias contemporâneas, a teologia ainda é pouco percebida. Os teólogos não desempenham um destacado papel, nem no discurso intelectual, nem nos folhetins, nem na mídia. As igrejas perderam muito de sua força formadora de cultura. Este retrocesso, no entanto, faz com que nessas culturas cresça um novo interesse por religião, fora das igrejas e independentemente delas. Os artistas não precisam mais temer, como outrora, serem isolados e funcionalizados pelas igrejas. Precisamente na literatura de língua alemã, percebe-se uma nova desenvoltura em questões de religião. Em romances, peças teatrais e poesias, existe uma rica, variegada e desafiadora ocupação com religião, confissão ou fé em Deus. Assim, o olhar sobre a literatura pode possibilitar uma visão mais livre sobre o modo como a religião está hoje ancorada na vida.

> “A identidade de qualquer sociedade e de qualquer estado é estruturalmente co-determinada pelo fator religioso”

IHU On-Line - Em que medida o pensamento e a prática teológicas contribuem para a constituição da identidade cultural e lingüística de uma sociedade?

Georg Langenhorst - A identidade de qualquer sociedade e de qualquer estado é estruturalmente co-determinada pelo fator religioso — seja no apelo à determinada confissão, seja em miscigenações pós-modernas, ou em sua recusa. A Europa está profundamente marcada pelo cristianismo, mesmo que muitas pessoas já não pratiquem o “ser cristão”. A defesa do direito, da moral e da ética, o ritmar do ciclo anual, as festas e os rituais são e permanecem cristãos, mesmo que muitos já não o saibam. No momento, a teologia só contribui para tal fim com bem poucos elementos criativos.

Há algumas décadas, sobretudo o Islã introduz um novo elemento religioso. Não é possível, ainda hoje, fazer valer ambas as tradições lado a lado, seja por interpenetração, por estimulação recíproca ou por miscigenação.

IHU On-Line - Qual é a contribuição da tradução da Bíblia feita por Lutero para a língua e a literatura alemã?
Georg Langenhorst - Sem a tradução da Bíblia por Lutero, a língua alemã não poderia ter se desenvolvido e se imposto da mesma forma como um idioma nobre. Até hoje, esta tradução de Lutero é valorizada em amplos círculos — também no âmbito do catolicismo — como documento lingüístico e como fonte espiritual.

IHU On-Line - Quem são os grandes nomes referenciais, quando falamos de teologia e literatura?
Georg Langenhorst - A disciplina acadêmica de "Teologia e Literatura" foi determinantemente inspirada pelo teólogo e filósofo evangélico Paul Tillich.[1] Embora ele mesmo não tenha lecionado esta disciplina, sua abertura em cultura e teologia facilitou o surgimento da área de "Literatura e Teologia". A partir de Tillich, formou-se uma tradição específica nos EUA e na Inglaterra. Nathan A. Scott e Amos Niven Wilder,[2] e mais tarde David Jasper,[3] Terry Wright e outros, estabeleceram ali uma tradição fortemente direcionada para a filosofia e a teoria literária. Na Alemanha, sempre houve um interesse mais intenso pela própria literatura e seu significado teológico. Foram seus precursores Hans Urs von Balthasar[4] e Romano Guardini, motivados por Tillich, surgiram, principalmente, do lado evangélico, Dorothee Sölle[5] e, do lado católico, Karl-Josef Kuschel como protagonistas da pesquisa sistemática. Sobretudo Kuschel é considerado "patrono acadêmico" da disciplina de "Teologia e Literatura.

> **"Sem a tradução da Bíblia por Lutero, a língua alemã não poderia ter se desenvolvido e se imposto da mesma forma como um idioma nobre"**

IHU On-Line - Quais as implicações em considerar a literatura como objeto de reflexão ético-teológica?
Georg Langenhorst - Na perspectiva ético-teológica, a literatura pode ter diversas funções. O aumento do valor ético da estética talvez seja pelo fato de expor, mais claramente do que ocorreria através de outras formas, a realidade no contexto da ficção. Além disso, a literatura tem a chance de apresentar visões, ou o possível, o utópico — que são importantes fontes de energia ética. A literatura escreve contra o esquecimento, fornece modelos de vida exitosa, serve para a auto-reflexão e para um olhar em direção a uma vida melhor, tanto para indivíduos quanto para comunidades.

IHU On-Line - De que modo a religião e a fé aparecem nos grandes clássicos da literatura universal? O senhor pode dar exemplos?
Georg Langenhorst - Quase todas as grandes obras da literatura mundial têm dimensão religiosa. Permita-me mencionar exemplos da literatura de língua alemã. O mundo e a obra dos prêmios Nobel de literatura de língua alemã são impregnadas por uma coloração religiosa. Hermann Hesse[6] foi filho de um Pastor pietista. A controvérsia com a tradição evangélica perpassa sua obra, de *Unterm Rad* [Sob a roda] até *Steppenwolf* [O lobo das estepes]. Em *Siddharta*, ele conecta concepções cristãs e budistas. Nelly Sachs,[7] a lírica judaica, escreveu poesias caracterizando, sobretudo, o holocausto e a sobrevivência como judia após essa catástrofe. Em sua obra, são repetidamente invocadas, como focos orientadores, figuras bíblicas e temas do Antigo e do Novo Testamento. As obras de Heinrich Böll[8] e de Günter Grass[9] se desencadeiam principalmente nas cidades de cunho católico que são Colônia e Danzig. Sem uma análise das numerosas

1 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, podem ser consultados *Coragem de ser* (6. ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, poder e justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)
2 **Amos Niven Wilder** (1895-1993): pastor, poeta, professor e teólogo, nascido em Calais, Maine. Estudou em várias instituições incluindo a Yale Divinity School, onde recebeu seu Ph.D., in 1933. (Nota da **IHU On-Line**)
3 **David Jasper** (1951): padre e teólogo anglicano, é atualmente professor de literatura e teologia na Universidade de Glasgow, Escócia. É um escritor e um expoente intelectual dentro dos campos da hermenêutica cristã e da pós-modernidade. (Nota da **IHU On-Line**)
4 **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da **IHU On-Line**, de 28-08-2006, Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica. (Nota da **IHU On-Line**)
5 **Dorothee Sölle** (1929-2003): socialista, escritora e teóloga alemã, é conhecida por ter criado o termo Cristo-facismo. (Nota da **IHU On-Line**)
6 **Hermann Hesse** (1877-1962): escritor alemão, que emigrou para a Suíça em 1912 e em 1923 naturalizou-se suíço. Procurou construir sua própria filosofia, a partir de sua interpretação pessoal das correntes filosóficas do Oriente. Em 1946, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, pelo livro *O jogo das contas de vidro*. (Nota da **IHU On-Line**)
7 **Nelly Sachs** (1891–1970): escritora judia, nascida em Berlim, ganhou o Prêmio Nobel da Literatura em 1966. (Nota da **IHU On-Line**)
8 **Heinrich Theodor Böll** (1917–1985): escritor alemão, laureado com o Prêmio Nobel da Literatura em 1972. (Nota da **IHU On-Line**)
9 **Günter Grass** (1927): intelectual e escritor alemão, cuja obra alternou a atividade literária com a escultura enquanto participava de forma ativa da vida pública de seu país e lhe deu um Prêmio Nobel de Literatura em 1999. Também é reconhecido como um dos principais representantes do teatro do absurdo da Alemanha. (Nota da **IHU On-Line**)

"É excitante ver como, por exemplo, o Islã e o budismo se tornam temas literários, configurando-se literariamente de modo bem diverso do que, por exemplo, o cristianismo"

alusões ao ambiente de cunho católico, os romances destes dois autores seriam quase incompreensíveis.

IHU On-Line - Como falar de literatura e teologia considerando o avanço do diálogo inter-religioso?
Georg Langenhorst - A disciplina de "Teologia e literatura" se abre sempre mais em duas direções: é cada vez mais superada a concentração sobre a respectiva literatura nacional — havendo uma abertura para a literatura mundial. Porém, sempre mais é superada a pura concentração no judaísmo e no cristianismo como grandezas orientadoras no âmbito da teologia. Ou seja, há uma abertura para as religiões mundiais. É excitante ver como, por exemplo, o Islã e o budismo se tornam temas literários, configurando-se literariamente de modo bem diverso do que, por exemplo, o cristianismo.

IHU On-Line - Quais são os principais pontos do seu *Manual de teologia e literatura*? Podemos mesmo estabelecer um diálogo entre estas duas áreas?
Georg Langenhorst - Meu *Manual de teologia e literatura* delineia a história da pesquisa desta disciplina acadêmica. Construída cronológica, estrutural e tematicamente, ela se concentra, em primeira linha, no desenvolvimento existente no âmbito do idioma alemão. Tendências internacionais sempre são, todavia, pelo menos mencionadas. Podemos falar de um "Diálogo entre Teologia e Literatura"? Não creio que isso tenha sentido. Os participantes diferenciados de tais encontros têm expectativas bem diversificadas. Os teólogos utilizam a literatura principalmente para uma auto-reflexão crítica, para a sensibilização lingüística e para a inclusão de textos literários no contexto catequético. Os cientistas literários estão à procura do saber religioso, como, por exemplo, o estudo da cultura bíblica, informações sobre a história da Igreja, ou sobre liturgia e religiosidade popular, para melhor poder entender e interpretar determinados textos. Os próprios escritores estão freqüentemente interessados por questões e impulsos existenciais. Ante tão diversificadas expectativas, não é possível um "diálogo" específico, porém certamente encontros muito excitantes e frutíferos. Com o conceito "diálogo" só se onera tais encontros e se despertam falsas e sempre novamente decepcionantes expectativas.

"No contexto das culturas européias contemporâneas, a teologia ainda é pouco percebida. Os teólogos não desempenham um destacado papel, nem no discurso intelectual, nem nos folhetins, nem na mídia. As igrejas perderam muito de sua força formadora de cultura"

IHU On-Line - Como se estabelece a relação entre teologia e literatura na América Latina?
Georg Langenhorst - Existe uma grande sociedade internacional que se dedica ao encontro de literatura e religião: a International Society for Religion, Literature and Culture (ISRLC). Aqui, se conectam muitas redes de pesquisas internacionais. Infelizmente, a temática central de "teologia e literatura" está nela desempenhando um papel cada vez menor. Na Alemanha, há neste campo um bom número de pesquisadores que se encontram e intercambiam regularmente. Que bom que agora também haja tal rede na América Latina, a Alalite. Nela, já há alguns anos, estão sendo conectados esforços existentes em torno de teologia e literatura, e vai se construindo uma troca desafiadora entre pesquisadores de diversas faculdades e países. Estou certo de que, em breve, hão de se formar contatos frutíferos através dos continentes. A união entre "teologia e literatura" poderá, então, conduzir a um palpitante diálogo intercultural entre a América Latina, a América do Norte e a Europa.

A literatura como um campo fértil de diálogo com a teologia

Literatura e teologia podem e devem trabalhar juntas, afirma a teóloga Maria Clara Bingemer

DIVULGAÇÃO

Em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, a teóloga e professora da PUC-Rio Maria Clara Bingemer analisa de forma positiva a relação entre teologia e literatura. Para ela, o embate entre crença e ceticismo fomenta, para o futuro próximo, um fértil caminho para o diálogo teopoético ou teoliterário. "Sobretudo agora que estamos em tempo de novos ateísmos", explica. Maria Clara acredita que a afirmação central do Cristianismo de que "Deus é amor", presente da Primeira Carta de João, é um excelente princípio estilístico. "O que, na história da humanidade, seduziu mais a literatura como tema do que o amor em todas as suas formas?", pergunta ela.

Maria Clara Bingemer é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia, pela PUC-Rio, e doutora em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Atualmente é a decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. É autora de, entre outros, *Simone Weil - A força e a fraqueza do amor* (Rio de Janeiro: Rocco, 2007).

IHU On-Line – Como podemos entender as relações entre literatura e teologia, tanto no passado quanto hoje?
Maria Clara Bingemer - Antes era impensável aproximar teologia de literatura, metodológica e conceitualmente, assim como em termos de conteúdo. Havia um fechamento das disciplinas em si mesmas e a literatura que, teoricamente, lidava com a ficção e a verossimilhança não poderia nunca pensar em aproximar-se da teologia, que lidava com a verdade e a afirmação dogmática. Hoje, com o giro copernicano que houve no Concílio Vaticano II,[1] com a valorização das realidades terrestres, com a colocação do humano no centro do pensar teológico, assim como com a consideração da experiência como um convite a fazer teologia, a literatura passou a ser vista como um campo fértil de diálogo com a teologia. A prova disso são os numerosos trabalhos acadêmicos envolvendo as duas áreas do saber que têm sido publicados em diversos periódicos científicos, a quantidade de pessoas que trabalham nesta área, bem como o esforço de elaborar e discutir princípios metodológicos que fazem interagir as duas disciplinas. Ou seja, hoje em dia, literatura e teologia podem sim e, mais do que isso, devem trabalhar juntas.

IHU On-Line – Em sua opinião, é tranqüila a relação entre as duas?
Maria Clara Bingemer - Até o momento, são relações razoavelmente pacíficas, embora não deixe de haver conflitos e interações não tão bem-sucedidas entre as duas. A literatura é amiga da vida, enquanto a Teologia trabalha com a inteligência da fé que se autocompreende como experiência de vida e vida em abundância. O cristianismo, além disso, tem imensa força cultural e foi o configurador da matriz civilizatória do Ocidente, dentro da qual se inscreve a literatura ocidental e mesmo a literatura *tout court*. O que sai da imaginação dos escritores e se transforma em livro, em matéria literária, pode inspirar e realmente inspira os teólogos. Haja vista que vários teólogos escreveram e pensaram sobre obras e autores literários. Cito dois exemplos, um europeu, Hans Urs von Balthasar, que escreveu a memorável obra *Le chrétien Bernanos*, e um brasileiro, José Carlos Barcellos e todo o seu excelente trabalho sobre a obra de Julien Green.[2] E há muitos outros. Dostoiévski, por exemplo, é um dos mais trabalhados autores em teses de teologia na Europa hoje em dia.

1 Concílio Vaticano II: Realizado entre 1962 e 1965, é considerado o maior acontecimento da história da Igreja, do século XX. Durante o Concílio Vaticano II, foram publicados dois documentos. A constituição dogmática Lumen Gentium, que foi tema de capa da **IHU On-Line**, edição nº. 124, de 22 de novembro de 2004, e a constituição pastoral Gaudium et Spes, que foi tema de capa da Revista **IHU On-Line**, nº. 157, de 26 de setembro de 2005. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da **IHU On-Line**, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Julien Green** (1900-1998): de nome Julian Hartridge Green, escritor norte-americano de expressão francesa. Toda a obra de Green, que foi profundamente marcada tanto pela sua homossexualidade como pela sua fé católica, é dominada pela questão da fé, do bem e do mal, e da sexualidade. (Nota da **IHU On-Line**)

"A literatura é amiga da vida, enquanto a Teologia trabalha com a inteligência da fé que se autocompreende como experiência de vida e vida em abundância"

IHU On-Line – Como você vê e interpreta o distanciamento que há entre teólogos e críticos literários?
Maria Clara Bingemer - Isto sempre houve. O crítico literário não é um criador, mas, como a palavra mesma o diz, um crítico. Ele não elabora um conteúdo e uma obra novos, mas elabora uma crítica, uma apreciação sobre a obra de outro. Assim como há distanciamento entre autores literários e críticos literários, também o há com os teólogos, que no fundo são criadores de linguagem, elaboradores de conteúdos postos em palavras. No entanto, creio que, se houvesse uma respeitosa aproximação, muito teriam a contribuir um para o trabalho do outro. Os críticos literários são conhecedores profundos e sérios dos conteúdos literários e podem contribuir com sua crítica para um maior conhecimento dos teólogos das obras literárias. Mesmo se os críticos têm um foco que não corresponde ao da teologia, o diálogo da teologia com o ateísmo, o agnosticismo e o pluralismo, tem acontecido continuamente desde o Concílio Vaticano II e deve só progredir e não voltar atrás.

IHU On-Line – Você acredita que a Igreja seja lembrada de forma positiva ou negativa quando o assunto é a relação entre literatura e teologia?
Maria Clara Bingemer - Muito positivo não é, já que a Igreja criou o Syllabus,[3] no qual colocou obras literárias de grande valor. Ou seja, a Igreja freqüentemente é lembrada como tutela, obstáculo, patrulhamento que impede a liberdade da criação literária. Há que lembrar, no entanto, que o Magistério da Igreja é a instância definidora das verdades de fé que constituem o credo dos fiéis católicos (estamos falando de Igreja Católica), mas é uma das instâncias que formam o tecido da tradição. Ao lado dela, estão o sentir comum dos fiéis, a Patrística, a liturgia, a teologia. Portanto, ao haver essa rejeição à Igreja como um todo, é preciso esclarecer de que segmento da Igreja se fala. A Igreja é o povo de Deus, e não só o Magistério. E, se em algum momento da história o Magistério agiu de uma determinada maneira por acreditar que ela era a atitude correta a tomar para proteger a fé dos católicos, em muitas outras ocasiões pediu perdão e reviu posições, como no caso de Galileu, Darwin, Lutero etc. Isso nunca é lembrado e me parece injusto.

IHU On-Line - Karl-Josef Kuschel insinua que Deus é um péssimo princípio estilístico. Você concorda?
Maria Clara Bingemer - Não sei o que o respeitadíssimo professor Kuschel entende por isso. Creio que deve ir na linha do que diz sobre a teopoética, no sentido de que não é "outra" teologia, ou a substituição do Deus de Jesus Cristo pelo dos diferentes escritores e poetas, mas a questão da estilística de um discurso sobre Deus que seja atual e adequado (cf. *As escrituras e os escritores*, 1999). De minha parte, creio que a afirmação central do cristianismo de que "Deus é amor" da Primeira carta de João, é um excelente princípio estilístico. O que, na história da humanidade, seduziu mais a literatura como tema do que o amor em todas as suas formas? Por isso, creio que nesse sentido, sim, Deus é um excelente princípio estilístico. No entanto, reconheço que deveria conhecer melhor a obra de Kuschel para responder mais adequadamente.

IHU On-Line – A universidade abre espaço para o diálogo entre literatura e teologia? Como está a pesquisa nessa área, pensando no caso da América Latina e do Brasil?
Maria Clara Bingemer - Sim, enfaticamente sim. Creio que, mais do que nunca, na América Latina e no Brasil essa área está crescendo. Haja vista a fundação da Alalite, que é uma associação de pesquisadores que trabalham nessa linha e nessa interação. Volta e meia, sou convidada para participar em bancas de teses que versam sobre Teologia e Literatura, a partir das obras de escritores do porte de Saramago, Machado de Assis, Lezama Lima[4] etc. Creio que cresce a olhos vistos esse diálogo. Pessoalmente dou cada ano, com a professora Eliana Yunes,[5] de literatura, da PUC-Rio, um curso de pós-graduação para estudantes de teologia e literatura. Já demos um sobre Adélia Prado e Manuel Bandeira,[6] outro sobre Guimarães Rosa, outro sobre Clarice Lispector,[7] outro sobre os contos de fadas e, neste último ano, 2007, sobre Machado de Assis. Publicamos Adélia e Bandeira. Está para sair Guimarães e se Deus quiser, sai esse ano, para aproveitar o cente-

3 **Syllabus**: Documento de autoria do Papa Pio IX, que afirma que a sociedade civil e o Estado devem ser unidos à Igreja e subordinados a esta (Nota da **IHU On-Line**).

4 **José Lezama Lima** (1910- 1976) poeta, ensaísta e novelista cubano. Além de patriarca invisível das letras cubanas desde 1944 até 1957, fundou a revista *Verbum* e esteve à frente de *Orígenes*, a mais importante revista cubana de literatura. Considerado um dos fundadores do neobarroco na América, emergiu internacionalmente com a publicação de *Paradiso*, em 1966. Além de uma extensa produção de ensaios e poemas, Lezama escreveu também contos singulares, que dialogam com o conjunto de sua obra. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Eliana Yunes** é professora do Departamento de Letras da PUC-Rio. Confira uma entrevista que ela concedeu à **IHU On-Line** sobre Clarice Lispector, publicada na edição número 228, de 16-07-2007 (Nota da **IHU On-Line**).

6 **Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho** (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema "Os sapos" o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Clarice Lispector** (1920-1977): foi uma escritora brasileira nascida na Ucrânia. Autora de livros como ***Perto do coração selvagem*** e ***A hora da estrela***. A **IHU On-Line** número 228, de 16-07-2007, é intitulada ***Clarice Lispector: uma pomba na busca eterna pelo ninho***. (Nota da **IHU On-Line**)

nário, o de Machado de Assis. Isso é apenas um exemplo do que se pode fazer. Seguramente, há muito mais sendo feito e essa parceria só tende a crescer.

IHU On-Line - O ceticismo também aparece no diálogo entre literatura e teologia?
Maria Clara Bingemer - Após trabalhar Machado de Assis, eu diria que sim. E muitas vezes há o embate entre crença e ceticismo, como se poderia ver em Camus,[8] Dostoiévski[9] e Saramago inclusive. Creio que aí reside, para o futuro próximo, um fértil caminho para o diálogo teopoético ou teoliterário. Sobretudo agora que estamos em tempo de novos ateísmos,[10] com as obras de Richard Dawkins, André Comte Sponville,[11] entre outros.

Leia mais...

Maria Clara Bingemer concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**, disponíveis na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu. Confira.

* "Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso"
* "O documento (de Aparecida) não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellin e Puebla".

8 **Albert Camus** (1913-1960): escritor, novelista, ensaísta e filósofo argelino. (Nota da **IHU On-Line**)
9 **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a **IHU On-Line** edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada ***Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano***. (Nota da **IHU On-Line**)
10 Conferir a revista **IHU On-Line** número 245, de 26-11-2007, intitulada "O novo 'ateísmo' em discussão". (Nota da **IHU On-Line**)
11 **André Comte-Sponville** (1952): filósofo materialista ateu francês. Estudou na *École Normale Supérieure*. Sponville utiliza o referencial de Jean-Paul Sartre, que já havia dito que "todos somos responsáveis por todos" e de Dostoiévski, "somos todos responsáveis por tudo, diante de todos". Foi membro do clube de Roma entre 1989 a 1997. Atualmente, é professor na Universidade de Paris.

Literatura e teologia em Adélia Prado

Para José Augusto Mourão, Adélia Prado não faz teologia, mas literatura, na arte de embaralhar o divino e o humano

Por André Dick e Graziela Wolfart

Divulgação

"Não são as crenças o estrume a partir do qual Adélia escreve, mas o íntimo, a experiência, a íntima convicção de que Deus é justo, por exemplo, o que escapa a catecismos, a silogismos e à própria teologia." A fala é do professor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa José Augusto Mourão. Na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line**, ele analisa a relação entre literatura e teologia na obra de Adélia Prado. Mourão é presidente do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (CECL), diretor do Instituto de S. Tomás de Aquino (ISTA) e dos Cadernos ISTA. Entre seus livros publicados, citamos *Paixão, discurso e sujeito* (1996), *Semiótica e Bíblia* (1999) e *A palavra e o espelho* (2000). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Existe, na obra de Adélia Prado, um vínculo direto com a religião católica e com a teologia, ou ela independe de crenças? De que modo você percebe esse traço em sua obra? Há poemas que representem melhor esse caminho e que fariam o que se chama de "teologia poética"?
José Augusto Mourão - Não são as crenças o estrume a partir do qual Adélia escreve, mas o íntimo, a experiência, a íntima convicção de que Deus é justo, por exemplo, o que escapa a catecismos, a silogismos e à própria teologia. Se há uma "teologia poética" que atravessa a sua obra, essa teologia é feita do casamento da carne e de palavra. *Terra de Santa Cruz* e *O pelicano* são livros em que essa aliança claramente se divisa. O cotidiano abre-se ao divino como a flor na árvore. Com um bemol: Adélia é a catecúmena admitida com reservas pelos doutores da lei, o que diz desde logo a sua marginalidade relativamente ao corpo de uma doutrina estabelecida e aos doutores.

IHU On-Line - Num de seus poemas, "Antes do nome", Adélia escreve que "Quem entender a linguagem entende Deus". Acredita que Adélia visualiza uma espécie de transubstanciação e de sublime teológico por meio da poesia?
José Augusto Mourão - "Quem entender a linguagem entende Deus." É evidente: Deus é a palavra do começo, o Verbo criador e o verbo feito carne. A palavra é de si, messiânica: promete a salvação, o reino das bem-aventuranças. Por outro lado, o que melhor define o humano é a estrutura de interlocução: somos carne habitada pela palavra. Como chegaríamos a Deus se não fosse pela escada da linguagem, que não é propriedade privada, mas lugar de encontro, partilhável, universal, infinitamente traduzível, em que se espaçam o desejo e a visita de Deus?

"Como chegaríamos a Deus se não fosse pela escada da linguagem, que não é propriedade privada, mas lugar de encontro, partilhável, universal, infinitamente traduzível, em que se espaçam o desejo e a visita de Deus?"

IHU On-Line - Uma das influências, na poesia de Adélia, é a de Drummond, poeta conhecido por seu afastamento da religião. Como se combinaria essa busca de uma linguagem com sentido mais religioso com a observação de um cotidiano, vivido numa pequena cidade, tendo em torno a rotina, a partir de seu comentário de que o Deus que habita a linguagem "não é um deus tácito, como o são os deuses do paganismo, mas um Deus que se fez Palavra no tempo"?

José Augusto Mourão - Todos fazem um poema a Carlos Drumond de Andrade, mesmo se as placas de trânsito nos indicam que vamos na contramão… Mas é o vínculo ao cotidiano, ao rasteiro, à rotina que liga o familiar e o estranho. Não há salvação fora do corpo e da palavra. O Deus a que fala Adélia não é de fato o deus pagão, onipresente nas forças da natureza, mas o Deus que comparece na carne do mundo e do nosso horizonte de expectativa. Adélia não atraiçoa a carne para falar de Deus: a sua fidelidade é encarnada, não é feita de princípios e categorias.

IHU On-Line - Muitos temas percorrem a poesia de Adélia, inclusive a tensão entre corpo e alma, por meio de uma linguagem amorosa. Ela procuraria, por meio dos versos, sintetizar uma busca pessoal pelo amor de Deus em relação às pessoas?

José Augusto Mourão - A noção de pessoa é tipicamente cristã. O cristão não vive soterrado na caverna, contorcendo-se para sair à luz. A gnose não é o seu reino. Viver é viver-com. Não se vai a Deus sozinho, mas a partir das ligações (muito eróticas, na obra de Adélia) humanas, pequenos fios a que a linguagem poética dá o seu brilho inigualável.

IHU On-Line – Na realização da poesia, Adélia Prado combate uma espécie de massificação, de estado de barbárie, adotando, às vezes, uma reclusão. A religião está sendo abandonada, como a poesia, em muitos casos, principalmente quando o sujeito não encontrar espaço para se pronunciar, mostrar a sua voz e sua angústia contemporânea?

"Adélia não atraiçoa a carne para falar de Deus: a sua fidelidade é encarnada, não é feita de princípios e categorias"

José Augusto Mourão - Adélia não se desterrou do mundo, não se refugiou numa clausura, como o fazem as seitas ou a gnose: o real é o seu assento. A justiça é a sua divisa. Por isso não negoceia com o mundo (injusto), por isso querela com os seus fantasmas e com Deus mesmo, como teria feito Job.

IHU On-Line - No ensaio "Literatura e teologia: aproximações", José Carlos Barcellos lembra que "uma coisa é o poder criador de linguagem religiosa por parte da literatura, outra é a capacidade teológica dessa mesma literatura. Só se pode falar em teologia, na medida em que, a partir de um horizonte de fé, se instaurar o exercício da crítica sobre a linguagem religiosa, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo. O discernimento crítico é um elemento absolutamente necessário do fazer teológico". Como avalia, em relação à obra de Adélia Prado, esse pensamento?

José Augusto Mourão - Contra o monologismo da teologia, ou ao lado, Adélia apropria-se do tesouro plurilingue da Bíblia e da polifonia das linguagens de que testemunham os salmos, as narrativas, as crónicas, as leis — traduzindo-o em linguagem poética. A teologia nem sempre é crítica. A *doxa* (a opinião comum, o dogma) sobrepõe-se com frequência à procura da verdade, que é comunitária e intersubjectiva. Adélia não faz teologia, faz literatura. Essa é a sua arte maior: embaralhar o divino e o humano.

IHU On-Line - Como percebe a declaração de Adélia Prado, numa entrevista, de que "todo fenômeno de experiência da unidade é de natureza religiosa"?

José Augusto Mourão - "Todo fenômeno da experiência da unidade é de natureza religiosa." A religião associa, une, sem confusão ou fusão alucinatória. Fazer corpo é a sua função. Diziam os Padres que a Igreja era um corpo a caminho. Ora, todo o corpo exige uma "república", como se dizia em quinhentos, uma distribuição de energia, de afectos e perceptos. A experiência da unidade liga o corpo que somos ao corpo da humanidade.

“A grande literatura teológica encontra-se principalmente na poesia”

O escritor francês Philippe Sollers considera a literatura do cristianismo “considerável”

Por Graziela Wolfart

Divulgação

“Cada experiência de linguagem é única, como deveria ser toda e qualquer concepção do divino”, afirma o crítico e escritor francês Philippe Sollers, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, a leitura intensiva do pensamento de Heidegger é absolutamente necessária para a compreensão do bem e do mal na literatura teológica. Philippe Sollers, autor de vasta obra, estudou na Escola Superior de Ciências Econômicas e Sociais, em Paris. No início da década de 1960, Sollers destacou-se como importante intelectual, empreendendo uma reflexão sobre a linguagem e suas relações com o real. Foi o editor da revista *Tel Quel*, referencial do pensamento estruturalista. No Brasil, foi publicada sua obra *Sade contra o Ser Supremo* (São Paulo: Estação Liberdade, 2001). A página pessoal do escritor é www.philippesollers.net

IHU On-Line - Quais são as principais limitações e desafios que a literatura teológica tem pela frente?
Philippe Sollers - A literatura teológica, como você diz, está agora encerrada e tudo o que pôde ser dito está agora concluído. É, pois, preciso estudá-la e relê-la segundo uma restrita perspectiva histórica. Dito isso, aceito prazerosamente que se leiam meus romances como romances teológicos estrangeiros, no sentido em que Ernst Jünger emprega esta expressão.

IHU On-Line – Qual é o poder de persuação da literatura teológica?
Philippe Sollers - É um poder considerável, do qual se apossam infelizmente os clérigos para diluir sua força.

IHU On-Line - O senhor pesquisa as diversas formas literárias. Qual seria a especificidade da literatura no caso de obras teológicas?
Philippe Sollers - A grande literatura teológica encontra-se principalmente na poesia. Aqui basta você recorrer à *Divina comédia*, de Dante Alighieri. Evidentemente, todas as formas de misticismo, incluindo aquelas que não encerram necessariamente um acesso a Deus, devem ser estudadas. Aliás, eu erro falando de misticismo, como o prova o pensamento chinês fundamental.

IIHU On-Line - Como o senhor considera que foi registrada na literatura a ideologia neoreligiosa da Revolução Francesa (o culto de Ser Supremo)? Qual é a contribuição da literatura para a fixação deste novo paradigma?
Philippe Sollers - Eu indico a vocês aqui o meu livro *Sade contra o Ser Supremo*, que aborda exatamente esta questão. Esta invenção “revolucionária” foi, como vocês sabem, de Robespierre e foi bem depressa abandonada nos fatos, mas não nas cabeças. Trata-se de uma extravagância como aquela do calendário revolucionário que deveria ter substituído o calendário cristão, o qual, salvo engano, ainda é hoje empregado em todas as transações econômicas.

IHU On-Line – De que maneira vê a importância das cartas e dos manuscritos enquanto documentos literários, para a constituição de uma literatura específica na área da teologia?
Philippe Sollers - As cartas e os manuscritos são da mais alta importância histórica e, para citar apenas este exemplo, a vida e a obra de Santa Teresa de Ávila o prova amplamente. Você lerá, em breve, uma obra fundamental de Julia Kristeva sobre esta santa espanhola católica e doutora da Igreja.

IHU On-Line - Como o senhor vê que o bem e o mal estão retratados na literatura teológica?
Philippe Sollers - Seria, enfim, preciso ler *Para além do bem e do mal*, de Nietzsche, como também toda a sua obra, como ultrapassagem simultânea da teologia e da filosofia. Indico aqui o meu romance *Uma vida divina* (Paris: Gallimard, 2006). Ou seja, a leitura intensiva do pensamento de Heidegger é aqui absolutamente necessária.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre a forma como Deus, ou o Ser Supremo das religiões, é descrito nas obras literárias teológicas?
Philippe Sollers - Cada experiência de linguagem é única, como deveria ser toda e qualquer concepção do divino. No infinito, todo ponto é infinito e desenvolve sua própria forma.

Teologia e Literatura: a cena alemã

O coordenador do PPG em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paulo Soethe, é autor do artigo que segue, sobre teologia e literatura. Graduado em Letras Alemão-Português, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre e doutor em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), o Prof. Dr. Paulo Soethe cursou pós-doutorado na Universidade de Tübingen, na Alemanha

Por Paulo Soethe

A presença decisiva da Teologia no mundo acadêmico e intelectual alemão, a despeito da recente e irreversível secularização da sociedade, tem seu fundamento histórico no caráter decisivo que o pensamento e a prática teológicas desempenharam na constituição da identidade cultural e lingüística naquele país. A língua alemã ganha *status* e legitimidade cultural a partir da tradução da Bíblia por Lutero. A organização da sociedade, da economia, das relações de poder e mesmo a delimitação das grandes unidades administrativas de toda a região ocorrem sob o signo da identidade confessional. Isso envolvia naturalmente longos debates e a busca de fundamentação teológica para as ações. É central a presença da teologia na história das grandes universidades, seja na matriz luterana, como na pequena Tübingen, onde ninguém menos que Hölderlin, Hegel e Schelling, por exemplo, chegam a dividir o mesmo quarto na moradia estudantil, todos como estudantes de teologia evangélica-luterana, seja em Münster e Regensburg, que agora voltam a estar em evidência, na frente católica.

A Teologia como disciplina acadêmica e universitária de grande importância, se chegou a estar em questão nas décadas mais recentes, já dispunha de tamanha legitimidade e consolidação, que só fez, a partir do desafio, aprimorar ainda mais seus pressupostos metodológicos e epistemológicos, consolidando-se ainda mais, do ponto de vista científico. Com isso, nos debates recentes em face do fenômeno da secularização, ganhou também a reflexão sobre a Teologia da Cultura, e em particular a área de estudos de Teologia e Literatura.

Se vigia até o final do século XIX sobretudo um *modelo confrontativo* entre estética e religião, em que a autonomia da arte revelava-se incompatível com o rigor e clareza da doutrina, os esforços voltam-se a partir de então para a superação desse modelo e para o destaque do valor heurístico, cognitivo e mesmo espiritual dos textos estéticos para a reflexão e prática teológicas. A obra de um Paul Tillich (1888-1965), apesar da compreensão idealista da cultura ("Religião é a substância da cultura e cultura a forma da religião"), lega, do ponto de vista metodológico, postulados fundamentais, como o da *correlação*: "A chave para a compreensão teológica de uma criação cultural é seu estilo" (*Teologia sistemática*). Na tradição católica, até mesmo pela relação menos conflitiva entre arte e doutrina, os esforços de reflexão e diálogo frutificam em obras densas e com grande potencial de aderência, como as de Romano Guardini (1885-1965) e Hans Urs von Balthasar (1905-1988). Em Guardini, cabe o destaque à compreensão de determinados escritores como profetas, cujas obras ganham status de *revelação*, por sua força questionadora da nova realidade humana à luz de preocupações existencias profundas. Hölderlin, Dostoiévski e Rilke são objetos de suas grandes obras. Balthasar, de sua parte, em meio à atmosfera do *renouveau catholique*, preocupa-se de maneira clara com valorizar obras que do ponto de vista temático sirvam doutrinariamente ao cristianismo. Portanto, apesar da grandeza de suas análises, a abordagem e prática que assume excluem boa parte da produção contemporânea, e praticamente não encontram continuidade para além da abrangência datada do contexto cultural católico de sua época.

Nesse contexto, é preciso dizer que o conceito de literatura cristã foi objeto de grandes debates na primeira metade e meados do século XX (com a participação de escritores importantes como Elisabeth Langgässer ou mesmo Heinrich Böll, em frentes diversas), mas deixou de ser uma questão produtiva a partir dos anos 1960. Tenho conhecimento de que o debate voltará à cena em breve, já que uma nova geração de teólogos empenha-se por revalorizar o conceito e recolocá-lo em discussão.

A partir dos anos 1970, estabelece-se o que Georg Langenhorst (2005, p. 49 ss.) chama de *paradigma do diálogo*. Esse paradigma recebe fortes impulsos das novas necessidades da Didática da Religião, disciplina importantíssima na Alemanha, pela oferta regular de aulas confessionais católicas e evangélicas em todas as escolas. Mas ganha autonomia também na área de Teologia em se mesma. Esse paradigma caracteriza-se por considerar a literatura em sua multiplicidade de realização, o que implica respeitar sua

especificidade e autonomia, sem cooptá-la ou instrumentalizá-la para fins religiosos ou teológicos. Além disso, caracteriza-se também por estabelecer com a literatura, fonte de desafios e questionamentos, um diálogo criativo e atento sobretudo aos processos de realização poética, que não se permite desconsiderar a unidade indissolúvel entre forma e conteúdo.

Destaca-se aqui no meio evangélico-luterano o nome de Dorothee Sölle (com seus conceitos de *realização* e, posteriormente, com sua prática de uma *teopoesia*). No meio católico, cabe destaque à obra de Dietmar Mieth, que publica em 1976 dois grandes livros, com destaque à relação entre ética e estética em nossa área de estudos: *Dichtung, Glaube und Moral. Studien zur Begründund einer narrativen Ethik* e *Epik und Ethik. Eine theologisch-ethische Interpretation der Josephsromane Thomas Manns*. Suas considerações baseiam-se na valorização do caráter único da ficção como campo que possibilita a "totalidade da experiência sensitiva". A ficção literária, segundo Mieth, oferece a possibilidade de se abordar projetos de vida éticos individuais em seu todo, pela figuração da vida das personagens e relações entre elas, mas sem risco de incidência em extrapolações indevidas de casos particulares, dado que o texto literário ficcional conta, de saída, com validade e legitimidade gerais. A consideração da literatura como objeto de reflexão ético-teológica coloca em primeiro plano o interesse pela gênese estrutural da pessoa em geral, sem tanto destaque à obrigatoriedade e validade de preceitos isolados e descontextualizados. A literatura tem, com isso, a força para constituir modelos éticos, à medida que a ética comportamental ganha plasticidade, mostrando-se capaz de contemplar a complexidade e multiplicidade da vida.

Por fim, o pensador com maior produção e adesão na área de Teologia e Literatura, colega de Dietmar Mieth na Universidade de Tübingen, é Karl-Josef Kuschel. Kuschel inicia sua produção na esteira das obras de Hans Küng e Walter Jens. O teólogo e o literato desenvolveram diversas atividades conjuntas, publicaram juntos um livro sobre escritores (*Advogados da humanidade*, 1989) e conclamaram em 1984 um simpósio em Tübingen, que se pode considerar o evento de fundação dos Estudos de Teologia e Literatura na Alemanha, enquanto área acadêmica estruturada e integrada. As publicações de Kuschel concentram-se na reflexão sobre uma cristopoética e uma teopoética na obra de grandes autores da literatura universal, sob um método confrontativo que analisa a resposta dos escritores ao fato da religião e das questões suscitadas pela fé. O advento da modernidade e seu espírito de liberdade reflexiva, o postulado de uma literatura universal, baseada no amplo reconhecimento da obra de grandes escritores, e a reflexão sobre literatura a partir de um interesse pautado pelo diálogo inter-religioso são as marcas centrais da produção de Kuschel. Um de seus grandes méritos é haver agregado em torno de sua pessoa uma geração de jovens teólogos formados nessa área, que a consolidaram em uma renomada série junto à editora Matthias Grünewald intitulada justamente Teologia e Literatura, com 13 títulos publicados. Poderíamos chamar o grupo "Círculo de Hechingen", já que ele vem se reunindo há vários anos nessa cidade para simpósios semestrais. Destaque acadêmico encontram nesse Círculo especialmente Christoph Gellner (Universidade de Lucerna) e Georg Langenhorst (Universidade de Augsburg).

"O advento da modernidade e seu espírito de liberdade reflexiva, o postulado de uma literatura universal, baseada no amplo reconhecimento da obra de grandes escritores, e a reflexão sobre literatura a partir de um interesse pautado pelo diálogo inter-religioso são as marcas centrais da produção de Kuschel"

Este último, Georg Langenhorst, destaca-se certamente como liderança na área acadêmica e sucessor de Kuschel na cena alemã. Com vasta produção, publicou recentemente o já mencionado manual *Theologie und Literatur – ein Handbuch*. Havia organizado em 2004 importante congresso internacional na área na cidade de Würzburg, o que resultou em publicação de uma coletânea com os trabalhos, em 2005. Langenhorst, em seu programático manual, despede-se do paradigma de um diálogo entre Teologia e Literatura. Decepcionado pela ausência de uma interlocução efetiva com escritores e estudiosos de Literatura, entende ser mais produtivo, em seu contexto, assumir que a discussão da área se dá mesmo internamente na Teologia, e procura portanto rever pressupostos teóricos cultivados até o momento. Aponta em seu manual a necessidade de internacionalização da cena alemã, e talvez aí se surpreenda com o envolvimento muito maior de colegas da áreas de Letras em outras realidades, como a latino-americana, que agora se consolida e avança, com a Fundação da Alalite. A esposa de Georg Langenhorst, Annegret Langenhorst, é teóloga e hispanista, autora de um dos livros na série organizada por Kuschel, sob o título *O Deus dos europeus e a(s) história(s) dos outros. A cristianização da América na literatura contemporânea da América Hispânica* (1996).

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destaques da Semana

Brasil em Foco

Reforma tributária e o aumento da desigualdade social

A reforma tributária do Lula atinge o coração do sistema social preconizado pela Constituição de 88, ao pôr fim ao orçamento da seguridade social", avalia Sérgio Miranda.

Por Patricia Fachin

Contrário à proposta de reforma tributária apresentada pelo governo, o ex-deputado federal mineiro Sérgio Miranda afirma que uma das questões mais importantes não está sendo debatida: a justiça tributária. Para ele, esse remendo na reforma faz parte de um conteúdo neoliberal, que trará graves conseqüências para o país, acentuando, inclusive, as desigualdades sociais e regionais.

Em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, o ex-relator da reforma tributária, em 2006, afirma ainda que as mudanças deveriam propor a eliminação de "tributos sobre a cesta básica", e aumentar a regulamentação de impostos sobre grandes fortunas. A retirada de determinados subsídios da Constituição, como os concedidos aos "produtores rurais que, até hoje, não pagam imposto de renda e nem previdência social", também seria uma medida capaz de colaborar para a construção de reforma tributária mais igualitária.

Na entrevista a seguir, Miranda comenta alguns aspectos da reforma tributária, como a unificação do ICMS, a perda de prerrogativas dos estados na participação da política econômica e a subestimação da fiscalização do trabalho no país.

Durante mais de 40 anos, Miranda foi filiado ao PCdoB, do qual se desfiliou em 2005. Atualmente, é presidente municipal do PDT de Belo Horizonte.

IHU On-Line – Como o senhor percebe as mudanças sugeridas pelo governo para a reforma tributária? Essa proposta apresenta algum equivoco?

Sérgio Miranda – Esse projeto de reforma proposto pelo governo traz a simplificação tributária e abre possibilidades para se evitar a cumulatividade de alguns impostos. No entanto, a proposta esquece e subestima completamente o problema da justiça tributária, que é o aspecto mais grave do sistema tributário brasileiro. Trata-se, nesse sentido, de uma reforma de conteúdo neoliberal, e que apresenta algumas conseqüências muito graves. Para explicar minha posição, destaco três pontos dessa proposta.

O primeiro diz respeito à unificação do ICMS (Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação). Há muito tempo, os estados vêm perdendo o poder de fazer política econômica, já que as dívidas são controladas, ao mesmo tempo em que a União proíbe a emissão de títulos pelos entes subnacionais. Com a votação da legislação nacional sobre o ICMS, sugerida pelo Senado, eles perdem totalmente a sua competência tributária.

O segundo aspecto da proposta do governo, o qual considero, junto com o terceiro, o mais grave, refere-se ao fim do orçamento da seguridade social. Durante o processo constituinte de 1988, o ponto alto, fruto do ambiente político da época, estava marcado pelos anseios a liberdade democrática e justiça social. Desse modo, criou-se, na Constituição de 88, o sistema de seguridade social. Esse deveria garantir as políticas que envolvem a área da saúde, assistência social, previdência, incluindo aí o seguro desemprego e o abono salarial. Entretanto, essas políticas só teriam conseqüência se tivessem um financiamento próprio. Por isso, esse orçamento passou a ser financiado por parte do orçamento fis-

cal e por contribuições sociais. Essas questões devem ser levadas em consideração quando se discute previdência. Portanto, digo que não se pode olhar apenas a contribuição sobre a folha dos patrões e dos empregadores. Deve-se olhar, sim, as outras contribuições que formam o orçamento da seguridade social.

Entretanto, o ajuste fiscal neoliberal, que assistimos desde a década de 1990, distorceu o orçamento da seguridade social. Em todos esses anos, nunca foi feita a separação física dos orçamentos. Sendo assim, os orçamentos fiscal e da seguridade social sempre foram tratados em conjunto. Essa técnica serviu, até agora, para concentrar os tributos nas mãos da União e para cumprir os compromissos fiscais com a política econômica. Ora, se acabar o orçamento da seguridade social e se diminuir a arrecadação sobre a folha, isso vai gerar um déficit na previdência, que será usado como uma argüição da necessidade de uma nova reforma.

O último ponto diz respeito ao problema da injustiça tributária. Discute-se muito a carga fiscal no Brasil. Dizem que ela é alta, mas esse não é o problema central. A grande questão é que a carga tributária é injusta. Predominam tributos sobre o consumo de forma indireta, enquanto os tributos sobre a renda e a propriedade são bastante subestimados na nossa carga tributária, ao contrário do que existe nos países desenvolvidos. Aqui, 60% do total dos tributos são impostos sobre o consumo. O desconto dos chamados juros sobre o capital próprio, a não-tributação dos lucros e dividendos na fonte mostram como alguns setores são tremendamente beneficiados por isenções tributárias. O agronegócio, por exemplo, não paga previdência, e o exportador tem isenção de ICMS e de outros tipos de tributos.

IHU On-Line – E como o senhor avalia a proposta do governo, de não permitir a internalização dos dólares recebidos das exportações?
Sérgio Miranda – Isso é uma contradição evidente. O Brasil tinha uma política de favorecimento tributário para os exportadores porque o resultado da exportação ficava no Banco Central, ou seja, eram os dólares que o país necessitava para cumprir seus compromissos externos. Ora, se os dólares obtidos com a venda de minérios da Vale, com a produção dos sojicultores, por exemplo, não voltam mais para o Brasil, por que manter enormes concessões fiscais para os exportadores? Se os dólares poderão ficar no exterior, o Brasil não se beneficia desse favorecimento que deu aos exportadores. O quadro exposto revela um problema no Congresso que permite o acontecimento de coisas como essa.

> **"Há muito tempo, os estados vêm perdendo o poder de fazer política econômica, já que as dívidas são controladas, ao mesmo tempo em que a União proíbe a emissão de títulos pelos entes subnacionais"**

IHU On-Line – Alguns especialistas dizem que a criação do IVA federal (unificação dos impostos), o qual juntaria o PIS, PASEP, COFINS e Cide (imposto sobre combustíveis), não é a reforma ideal, mas a possível no momento. O senhor concorda?
Sérgio Miranda – Se quiséssemos manter o espírito da Constituição de 88, poderíamos reformular, acabar com a cumulatividade da COFINS e do PIS, mas mantendo-os como contribuições sociais. Se acabarmos com o orçamento da seguridade social, e, mesmo que os recursos venham como transferência do orçamento fiscal, vão ocorrer problemas.

Há um consenso entre aqueles que discutem a previdência social. Todos concordam com a idéia de que não pode ser cobrada apenas a contribuição patronal sobre a folha, porque acaba oferecendo um privilégio para aquelas empresas com um grande faturamento, emprega poucas pessoas e onera em demasia outras com uma mão-de-obra intensiva. Então, havia um consenso de que nós procuraríamos combinar mantendo sempre uma cobrança sobre a folha, mas diminuindo essa cobrança e substituindo por outros tributos. Mas, quando se prevê no projeto uma desoneração da folha, não há uma substituição clara de como isso será suprido por outros recursos.

IHU On-Line – O governo argumenta que o valor arrecadado através do IVA federal será transferido para o orçamento da seguridade. Como o senhor avalia essa afirmação?
Sérgio Miranda – Vejo isso como um problema, pois ocorrerá uma transferência de capital, o que significa que a seguridade social não terá recursos próprios. Se a proposta fosse acabar com a cumulatividade da COFINS (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social) e a duplicidade da CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido), poderia se fazer reformulações nesses tributos, mas mantendo-os como próprios da seguridade social. Por isso, acredito que a reforma tributária do Lula atinge o coração do sistema social preconizado pela Constituição de 88, ao por fim ao orçamento da seguridade social.

IHU On-Line – Outra proposta da reforma é acabar com a briga dos estados. A sugestão agora é que o estado que consome o produto pague o IVA. Quem de fato deveria pagar os impostos e quem deveria concentrar essa renda, para que houvesse maior competitividade entre os estados?
Sérgio Miranda – Esse é problema complexo e também não tem uma resposta simples. Por que surge guerra fiscal? Porque há uma tendência natural de concentração da produção nos estados mais fortes. Um empresário, para transferir sua produção para um estado mais pobre, busca algum tipo de compensação. Então, se instala uma guerra fiscal, na qual os empresários se aproveitam dessa disputa para obter enormes benefícios. Esse é o pro-

"O que diferencia a esquerda da direita é, principalmente, a luta pela igualdade social. Essa eqüidade não se materializa em realizar alguns problemas sociais, cujo valor é mínimo em relação ao total do orçamento. A igualdade se materializa no enfrentamento com os privilégios dos ricos, dos poderosos"

blema grave. Mas, quando se discute o problema da desigualdade no Brasil, se subestima um debate sobre a desigualdade regional, não apenas entre as várias regiões do país, mas, às vezes, dentro do próprio estado.

O que vem sendo feito no Brasil é a transformação paulatina de um estado federativo e um estado unitário, concentrado na União, e a perda de prerrogativas por parte dos entes subnacionais. Isso é uma tendência muito forte recomendada pelo Consenso de Washington, pelas regras do FMI, de impedir que os estados façam política econômica. Então, essa proposta que surge agora é fecho de uma série de medidas já anteriormente adotadas para limitar a capacidade de autonomia dos estados e municípios.

Como devemos tratar esse problema?

A discussão do federalismo fiscal no Brasil é um debate mais abrangente, para o qual não tenho uma solução. No entanto, qualquer pessoa de bom senso sabe que nisso reside um dos aspectos da crise nacional: as diferenças regionais. Se a União não permite que os estados possam fazer concessões fiscais para atrair investimentos, como eles vão se desenvolver? O governo está respondendo a tal questão por meio da criação desses pontos. Essa reforma tributária, de certa maneira, joga tudo para depois. Mais tarde, serão definidas as leis complementares. Assim, procura-se garantir as mudanças constitucionais que são as mais difíceis de serem votadas, e o resto vai ser feito por lei complementar ou ordinária.

IHU On-Line - Uma das principais propostas da reforma tributária previa a destituição do imposto sobre a folha de pagamento dos trabalhadores. Segundo o governo, essa proposta possibilitaria o aumento de empregos. Entretanto, os sindicatos, em reunião com o presidente pediram a derrubada desse artigo. Qual é a sua avaliação sobre o caso?

Sérgio Miranda – A discussão sobre crescimento do emprego vem do aumento da demanda e não do custo da mão-de-obra. Se existe demanda na sociedade, o empresário contrata, compra matéria-prima e produz. Mesmo que a mão-de-obra seja de custo zero, se não existir demanda, as empresas não vão produzir.

O problema é que o país ficou garroteado durante anos numa política econômica de baixo crescimento. Tínhamos um PIB potencial. Quando ele crescia acima desse índice, sofria a intervenção do Banco Central, que aumentava a taxa de juros. A desoneração da folha como está sendo proposta, sem uma vinculação explícita à previdência, deve ser encarada como um golpe futuro em relação ao regime previdenciário.

IHU On-Line - Há muitos trabalhadores informais no Brasil, e, certamente, uma das causas se deve ao altíssimo valor tributário cobrado das pequenas empresas. Com a reforma tributária, que questões devem ser levadas em consideração nesses casos, para dar oportunidade aos pequenos empreendedores, a fim de que eles possam atuar de acordo com a lei?

Sérgio Miranda – Essa é uma questão complexa. O sistema trabalhista brasileiro foi desmontado nesses anos de neoliberalismo, no que diz respeito às múltiplas jornadas e aos contratos de trabalho. Isso contribuiu para o surgimento dos falsos estágios e das falsas cooperativas. Hoje, os trabalhadores ainda são submetidos a um enorme arrocho salarial. Não existe correção de salários pela inflação, o que faz com que eles fiquem dependentes do crescimento da produção, do PIB.

Não é tirando os direitos que se aumenta a formalização. Aumenta-se a formalização buscando melhoras tributárias para as pequenas empresas e dando algum tipo de prêmio àqueles que formalizam empregos. Há, ainda, uma subestimação da fiscalização do trabalho no país. Hoje, compensa muito mais manter um trabalhador sem o registro, porque as penalidades são ínfimas. O dinheiro que o empregador não paga de tributos é muito mais relevante do que a multa de descumprimento da legislação.

IHU On-Line - Com a tributação atual, uma pessoa com renda elevada e outra de baixa renda pagam o mesmo imposto. Quais são os pontos centrais numa reforma tributária, na perspectiva de uma maior eqüidade social e de renda que o senhor considera inegociáveis para a construção de uma reforma tributária justa?

Sérgio Miranda – Uma reforma progressista, por exemplo, deveria eliminar os tributos sobre a cesta básica e aumentar uma tributação sobre renda (juros e lucros) e propriedades. Se observarmos parte dos salários na distribuição funcional da renda brasileira, ela vem caindo. Assim, tem aumentado a parte dos juros que representam a média de quase 30% da renda nacional bruta e os lucros e dividendos.

Aumentar uma tabela de imposto de renda para quem recebe salário é penalizar a classe média e proteger os muito ricos. Seria necessário, nesse caso, um debate sobre a concepção do sistema tributário, principalmente sobre o consumo, que atinge mais de 60% do total dos impostos. Regulamentar o imposto sobre grandes fortunas, retirar da Constituição determinados subsídios, como os concedidos aos produ-

tores rurais que, até hoje, não pagam imposto de renda e nem previdência social, também seriam boas alternativas para começar a construir uma reforma tributária mais igualitária.

IHU On-Line – Mas será possível propor essa reforma, garantindo o acesso à inclusão social como está previsto na Constituição de 88, tendo em vista a lógica econômica comandada pelo mercado?
Sérgio Miranda – Não. Seguindo a lógica do governo e do mercado, não há garantias sociais. A Constituição de 88 diz que não existe política social sem garantia de financiamento. Não adianta ter as melhores intenções e fazer as declarações mais caridosas sem ter a garantia de financiamento. Se quisermos avançar socialmente no Brasil, precisamos nos posicionar claramente frente a essa reforma tributária.

IHU On-Line – A proposta da reforma tributária é mais um fator que demonstra a crise da esquerda? Ela tende a ser pragmática e se orientar pelo poder?
Sérgio Miranda – Com certeza. Um agrupamento de esquerda não pode apresentar um projeto como esses. O que diferencia a esquerda da direita é, principalmente, a luta pela igualdade social. Essa eqüidade não se materializa em realizar alguns problemas sociais, cujo valor é mínimo em relação ao total do orçamento. A igualdade se materializa no enfrentamento com os privilégios dos ricos, dos poderosos. No entanto, o governo atual se omite em relação ao problema, o que demonstra um dos elementos da crise da esquerda. Um partido que se apresenta como esquerda não pode ser omisso em relação a questões tão importantes.

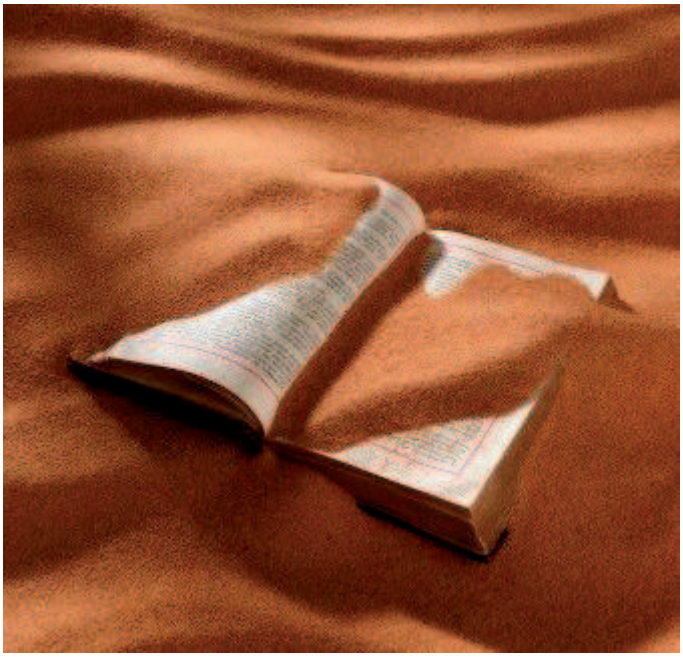
Leia mais...

Sobre reforma tributária, foram publicados os seguintes conteúdos na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

* Por uma reforma tributária justa. Manifesto dos movimentos sociais
* Reforma tributária: uma alternativa para conter as desigualdades sociais? Entrevista com Luiz Antônio Benedito
* A 'nova' reforma tributária. Artigo de Renaldo Gonçalves

Memória

José Carlos Barcellos



Quando falamos da relação entre teologia e literatura no Brasil, é indispensável mencionar o nome do professor José Carlos Barcellos, falecido no último dia 14 de fevereiro de 2007. Considerado um dos pioneiros em estudar o diálogo entre essas duas áreas do saber, Barcellos era doutor em Letras pela USP e em Teologia pela PUC-Rio, sendo por muitos anos professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. A revista *IHU On-Line* teve o privilégio de entrevistá-lo sobre o diálogo entre as obras literárias e o pensamento teológico e sobre as questões religiosas na obra Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa. A entrevista foi publicada na edição número 178, de 02-05-2006. Entre seus livros, citamos *O herói problemático em Cerromaior: subsídios para o estudo do neo-realismo português* (Niterói: EDUFF, 1997), *Literatura e espiritualidade: uma leitura de Jeunes Années, de Julien Green* (Bauru: EDUSC, 2001) e *Literatura e homoerotismo em questão* (Rio de Janeiro: UERJ, 2006).

O coordenador do PPG em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paulo Soethe, nos enviou o depoimento a seguir, sobre José Carlos Barcellos. Graduado em Letras Alemão-Português, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre e doutor em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), o Prof. Dr. Paulo Soethe cursou pós-doutorado na Universidade de Tübingen, na Alemanha. Após o testemunho de Paulo Soethe, confira uma carta elaborada pela Comissão Organizadora do Segundo Colóquio da Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia (Alalite), da qual Barcellos foi um dos idealizadores.

José Carlos Barcellos, *primus inter pares*

Por Paulo Soethe

Mel silvestre tirei das plantas,
sal tirei das águas, luz tirei do céu.
Só tenho poesia para vos dar.
Abancai-vos, meus irmãos.
Jorge de Lima

Generosidade, gentileza e acuidade intelectual e metodológica raras são as marcas de José Carlos Barcellos. Seu gesto medido e sempre cordial, a aproximação discreta e a fala fluente, luminar e convicta prevalecem na memória: são indícios da vida que vence e permanece.

Uma publicação sobre literatura e teologia que vem a público pouco tempo depois de seu falecimento remete-se por si mesma a ele. Sua contribuição a essa área de reflexão e pesquisa é singular, como são também admiráveis suas publicações sobre autores portugueses, espiritualidade ou literatura e homoerotismo. José Carlos doutorou-se duplamente, em Literatura Portuguesa e em Teologia, o que de certa maneira constituiu o batismo legítimo dessa área interdisciplinar em nosso país. Seu trabalho em teologia sistemático-pastoral sobre Julien Green (PUC-Rio, junho de 2000) cumpriu em si mesmo, pela escolha do objeto, o gesto sacramental.

Padrinho amável e atencioso, José Carlos cuidou de modo especial do neófito: motivou colegas, cultivou correspondência e diálogo permanentes, organizou eventos. Deve-se em grande medida ao empenho dele e à sua sempre disposta interlocução o surgimento da Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia (Alalite), que ele viu nascer em boa hora, há pouco menos de um ano: em meio à luta corajosa contra o adoecimento do corpo, colheu os frutos gratos da atividade intelectual e humana, para dividi-los conosco, seus pares.

A homenagem a José Carlos, permito-me fazê-la em nome de muitos, no sentido do que ele tantas vezes nos ofereceu: o convite ao diálogo amplo, consciente do drama da salvação e cioso do Amor como senda possível aos que dele participam de forma fraterna.

A carta belíssima que os Amigos de Santiago nos fizeram chegar há pouco, e que certamente nos emocionou a todos, é um presente a mais que, além deles, também José Carlos nos deixa. O diálogo que somos... e do qual José Carlos Barcellos continua participando.

Santiago de Chile, 11 de março de 2008

José Carlos Barcellos (In Memoriam)

No dia 14 de fevereiro, recebemos a notícia do falecimento de José Carlos. Ainda que alguma informação nós já tivéssemos da doença que o acometia, não deixamos de nos comover pela pressa com que se desenvolveram os acontecimentos. No entanto, mais do que isso, nos comoveu o fato de ter perdido tão rapidamente um amigo com quem contávamos há alguns anos para o desenvolvimento de nossa Associação de Literatura e Teologia (Alalite).

Com efeito, conhecemos José Carlos por ocasião da realização dos seminários de Literatura e Fé, organizados pela Universidade Católica de Chile, circunstância em que nos foi permitido desfrutar de sua qualidade intelectual, da profundidade de suas reflexões, da capacidade de estabelecer vínculos entre teologia e vida, de sua preocupação por incorporar aos estudos em literatura e teologia uma espessura acadêmica de primeiro nível, de seu conhecimento da literatura latino-americana e universal, de sua formação em diversos âmbitos, e, enfim, do carinho fraternal compartilhado.

A perda prematura de José Carlos nos permitiu refletir um pouco sobre o que foi sua vida; pelo menos no que dela se somava a nós nos diversos encontros que pudemos ter: conferências, conversações, reuniões, o belo colóquio realizado no Rio de Janeiro, em abril de 2007, do qual ele foi um importante organizador. E, desta reflexão, concluímos que José Carlos não teve a oportunidade de viver uma vida longa, mas sim contribuiu para acolher os dons que Deus lhe deu - e que ele assumiu como tal - para que ela fosse intensa e para deixar-nos um legado que se traduz em muitos esforços e projetos associados a suas preocupações intelectuais. No entanto, o testemunho mais decisivo sobre sua personalidade e seu caráter nos foi dado pela forma como aceitou sua própria dor; essa atitude tão delicada e prudente, e provavelmente quase alegre, com que assumiu os detalhes de sua enfermidade sem desejar complicar a seus amigos, com a caridade característica dos homens de fé e com a valorização pela vida que parecera não querer desperdiçar nem sequer o último momento disponível.

Como Comissão Organizadora do segundo Colóquio Internacional da Alalite, queríamos que José Carlos tivesse um lugar especial na jornada de inauguração do evento. Isso não será possível formalmente, pois ele já não está conosco. No entanto, prevemos que alguma parte de nosso encontro esteja dedicada a refletir sobre seu trabalho intelectual. Há alguns participantes que estão preparando isso. Postulamos, além disso, que o sinal fundamental de nossa fé nos faz crer que a comunhão dos santos nos permite retomar permanentemente esse dom tão precioso que nos foi dado, que é o da presença. Por isso, nesta simples homenagem, que enviamos aqui do Chile, queremos simplesmente agradecer a presença de José Carlos: sua presença entre nós é algo que o tivemos perto, e sua presença no Reino, que é a casa onde finalmente nos sentimos mais cômodos.

Comissão Organizadora do Segundo Colóquio da Alalite

Teologia e literatura – uma definição

Reproduzimos, a seguir, um texto escrito pelo professor Jose Carlos Barcellos (*in memoriam*). Ele está disponível no site "E-Dicionário de Termos Literários", de Carlos Ceia (www.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm). O artigo ajuda a compreender historicamente a origem das relações entre teologia e literatura. Confira:

As relações entre a teologia e a literatura são muito complexas e diversificadas e só recentemente têm sido objeto de uma reflexão sistemática. No Ocidente, desde a consolidação da escolástica nos sécs. XII e XIII — com teólogos do porte de Santo Alberto Magno, São Tomás de Aquino ou São Boaventura — até o séc. XX, a teologia acadêmica quase sempre ignorou completamente a existência e a importância da literatura, não obstante a evidente relevância das questões teológicas nas obras de autores como Dante, Gil Vicente, Camões, Calderón, Milton, Hopkins, Antero de Quental ou Dostoiévski, por um lado e, por outro, o freqüente recurso à linguagem poética por parte de alguns dos mais insignes místicos cristãos, como são João da Cruz ou Santa Teresa de Ávila, ou ainda a manifesta qualidade literária dos textos de oradores sacros como Vieira ou Bossuet.

Ao longo do séc. XX, registra-se um paulatino e crescente interesse pelo estudo das relações entre teologia e literatura, tanto por parte de teólogos, quanto por parte de críticos literários. Para os primeiros, a razão fundamental pela qual começam a se interessar profissionalmente pela literatura (e também por outras artes) parece decorrer da desintegração da linguagem tradicional da fé e da teologia, na esteira da assim chamada crise da metafísica ocidental. Efetivamente, a crise do racionalismo idealista — desencadeada pela obra daqueles pensadores a quem Paul Ricoeur chamou de "mestres da suspeita" (Marx, Nietzsche e Freud) e posteriormente aprofundada por influência de Heidegger e do existencialismo — constituiu um sério golpe na tradição do pensamento metafísico, sobre o qual a teologia se veio apoiando sistematicamente, pelo menos desde a Idade Média. Eis por que a teologia atual se vê obrigada a recorrer a "linguagens de empréstimo", como as das ciências humanas, da política, da arte ou da literatura, para elaborar sua própria linguagem, fenômeno este analisado por Michel de Certeau (1969) e Henrique Cláudio de Lima Vaz (1986).

> **"As relações entre a teologia e a literatura são muito complexas e diversificadas e só recentemente têm sido objeto de uma reflexão sistemática"**

Para críticos e teóricos da literatura, por sua vez, o interesse pelas relações entre esta e a teologia decorre do esgotamento das metodologias excessivamente formalistas de abordagem do fenômeno literário e da conseqüente necessidade de se reintroduzir no âmbito dos estudos literários a preocupação com a comunicação de uma mensagem, com uma particular percepção das experiências humanas, como núcleo irredutível de toda e qualquer obra literária. Tratar-se-ia, pois, nessa perspectiva, de um aspecto daquilo que António Blanch (1995) chama de recuperação do "valor homem" em literatura.

Historicamente, três obras foram muito importantes na abertura e consolidação desse campo interdisciplinar de estudos: *Religiöse Gestalten in Dostojewskijs Werk*, de Romano Guardini (1933), *Histoire littéraire du sentiment religieux en France*, de Henri Bremond (1915ss) e *La religion de Péguy, de Pie Duployé* (1965). A primeira delas é fruto dos cursos que o grande teólogo ítalo-alemão ministrou, a partir de 1923, na universidade de Berlim, na cadeira de Weltanschauung ("visão de mundo") católica. Sua opção por lecionar essa disciplina a partir da literatura — num ambiente universitário predominantemente protestante ou secularizado — é profundamente sintomática da busca de uma nova linguagem que assegurasse a inteligibilidade e comunicabilidade dos conteúdos propriamente teológicos. A obra do padre Bremond, por sua vez, é um monumento de pesquisa e erudição, que muito contribuiu para dar visibilidade e respeitabilidade intelectual, nos meios acadêmicos do séc. XX, aos autores espirituais do passado, abrindo caminhos, assim, para o trabalho de outros estudiosos, como foi o caso, em Portugal, de José Sebastião da Silva Dias (1960), por exemplo. A tese de doutoramento de Pie Duployé, apresentada em Estrasburgo, teve entre outros méritos o de levantar pioneiramente a questão do estatuto epistemológico da literatura para a teologia, a *ratio humaniorum litterarum theologica*, nas palavras do autor.

Em 1969, o grande teólogo e historiador da teologia Marie-Dominique

"Ainda que a metodologia empregada tenha envelhecido muito diante dos notáveis desenvolvimentos da teoria e da crítica literárias das últimas décadas, continua a ser uma obra de referência obrigatória e muitas de suas conclusões permanecem válidas"

Chenu retomou a questão formulada por Duployé e propôs que se considerasse literatura como "lugar teológico", isto é, como uma fonte de elementos para o trabalho teológico ("lugares teológicos" são, entre outros, a Bíblia, os concílios, a Patrística e também a razão natural, o pensamento de filósofos e juristas etc.). Essa posição encontrou recepção favorável em Hervé Rousseau (1976), por exemplo, mas também suscitou a oposição de um Jean-Pierre Jossua (1985), que aponta para o risco de se considerar a literatura, nesse caso, simplesmente como uma fonte a mais de dados previamente disponíveis alhures para a teologia e de não se atentar para aquilo que somente a literatura é capaz de dizer, ou pelo menos, é capaz de dizer melhor que outros discursos. Quanto a esse particular, observa-se em todo o debate a preocupação constante com o problema do mal. De fato, essa questão parece polarizar a atenção de muitos teólogos, quando estes falam da importância da literatura para a teologia ou daquilo que só a literatura seria capaz de dizer. Diante da presença avassaladora do mal, tal qual experienciada ao longo do séc. XX, eles se dão conta da insuficiência e irrelevância da linguagem teológica tradicional e, inversamente, da profundidade e comunicabilidade dos grandes painéis literários sobre o mal (entre outros citem-se os nomes de Edgar Allan Poe, Emily Brontë, Julien Green, Albert Camus, Georges Bernanos, Franz Kafka e, sobretudo, Dostoiévski).

Mais recentemente, Adolphe Gesché (1995), professor de Lovaina, também se ocupou das relações entre teologia e literatura. Gesché defende a tese de que, para cumprir eficazmente seu papel, a teologia deveria eleger a antropologia cultural como interlocutora privilegiada, pois "torna-se impossível, de fato e de direito, falar corretamente de Deus se não se conhece o homem". A antropologia seria, assim, a epistemologia da teologia, o lugar de sua verificabilidade. Nessa perspectiva, Gesché — para quem a teologia é a ciência dos limites do humano ou do seu excesso — postula a constituição de uma antropologia literária, entendida como a compreensão do homem construída pela literatura, como disciplina com a qual a teologia precisaria dialogar, pois é na literatura que se encontra a verdade mais profunda do ser humano

Dos grandes teólogos do séc. XX, aquele cuja obra dá maior relevo às questões literárias é, sem dúvida, o suíço Hans Urs von Balthasar. Reconhecendo que a tradição teológica ocidental privilegiou as idéias de verdade e de bem, mas ignorou ou negligenciou gravemente a de beleza, von Balthasar procurou elaborar uma teologia que reequilibrasse os três transcendentais da filosofia clássica, devolvendo à estética o lugar que lhe cabe ao lado da ética e da lógica. Por isso mesmo, sua opera magna é uma densa e erudita trilogia, que se propõe a apresentar a teologia católica pensada à luz do belo (a estética teológica), do bom (a dramática teológica), e do verdadeiro (a lógica teológica). Para tanto, o autor recorre inúmeras vezes, entre outras fontes, à literatura ocidental, desde os gregos até nossos dias, literatura esta que ele conhecia em profundidade e freqüentemente nas línguas originais. Para von Balthasar, o belo é a maneira segundo a qual o bem é percebido pelo homem como verdadeiro (observe-se que, em alemão, percepção é Wahrnehmung, isto é, "apreensão do verdadeiro"). Caberia, portanto, ao teólogo, buscar investigar como a literatura — e também a música e as artes plásticas — apreende esteticamente a verdade do cristianismo. É esse o projeto que ele desenvolve ao longo de vários volumes e que vem alcançando, nos últimos anos, grande ressonância nos meios teológicos de diversos países, à medida que sua obra vai sendo traduzida e estudada.

No campo da crítica literária propriamente dita, merece especial relevo a extensa obra do belga Charles Moeller, *Littérature du XXe siècle et christianisme* (1953ss). Nela, estudam-se muitos dos principais escritores do século, cristãos e não-cristãos, na perspectiva das relações de suas vidas e obras com o cristianismo. Ainda que a metodologia empregada tenha envelhecido muito diante dos notáveis desenvolvimentos da teoria e da crítica literárias das últimas décadas, continua a ser uma obra de referência obrigatória e muitas de suas conclusões permanecem válidas.

Em Portugal e no Brasil, têm vindo a lume recentemente algumas obras importantes que estudam destacados nomes das literaturas de língua portuguesa em relação com a teologia. Podem-se citar, entre outros, os trabalhos de Antonio Manzatto (1994), sobre Jorge Amado; de Heloísa Vilhena de Araújo (1996) e Paulo César Carneiro Lopes (1997), sobre Guimarães Rosa; de Waldecy Tenório (1996), sobre João Cabral de Melo Neto: de Alcir Pécora (1994), sobre Antônio Vieira, e de Maria Joaquina Nobre Júlio (1997), sobre Vergílio Ferreira.

Nanotecnologias

A inserção das nanotecnologias na vida humana: como será o futuro?

Para o sociólogo Edmilson Lopes Jr., as nanotecnologias apenas "radicalizam tendências atuais". Não há por que atribuir poderes mágicos a elas, garante.

Por Patricia Fachin

Entre as promessas de benefícios milagrosos e o medo de criar objetos incontroláveis, crescem as especulações sobre o futuro humano integrado às tecnologias. "Mudanças sociais significativas, as quais impactam profundamente nossa forma de ser e estar no mundo" acontecerão com o tempo, afirma o pesquisador.

Em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail, ele diz que "há mais especulações e projeções do que fatos concretos que alicercem algumas das análises alarmistas com as quais nos defrontamos sempre que alguém se dispõe a comentar sobre os impactos sociais das nanotecnologias". Entretanto, reconhece que os processos de inovação tecnológica criarão, como de praxe, "novos campos de atuação e novas possibilidades de desenvolvimento das potencialidades criativas dos humanos".

Edmilson Lopes Júnior é mestre em Sociologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRGN), e doutor em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é docente do departamento de Ciências Sociais da UFRGN.

Nas próximas edições, acompanhe entrevistas exclusivas que abordarão a ampla temática das nanotecnologias. Os debates publicados nessa editoria subsidiam a discussão que será aprofundada no Simpósio Internacional Uma Sociedade pós-humana: Possibilidades e limites das nanotecnologias. O evento ocorre entre os dias 26 e 29 de maio, na universidade. Acesse a programação completa na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Arquivo Pessoal

IHU On-Line - Como construir um debate não emocional, como o senhor diz, sobre os ganhos e riscos colocados pelas nanotecnologias?

Edmilson Lopes Jr. - Advogar a realização de um debate menos emocional sobre os ganhos e riscos colocados pela nanotecnologia nas Ciências Sociais implica, antes de tudo, em levar sempre em conta o conselho de Pierre Bourdieu,[1] maior sociólogo da segunda metade do século XX, de que devemos ter cuidados para não transplantar mecanicamente para o campo científico as querelas ideológicas da luta política. Ele expressa também a preocupação de não incorrermos, nesta questão, no mesmo tipo de equívoco que boa parte das Ciências Sociais embarcou quando da discussão sobre os organismos geneticamente modificados: buscou-se mais demarcar e fazer avançar posições definidas do que compreender o que estava de fato ocorrendo. Em uma situação como essa, o perdedor é o grande público, que não pode contar

1 **Pierre Bourdieu** (1930-2002): sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* (Nota da **IHU On-Line**)

com análises distanciadas e realmente críticas. Isso não significa, obviamente, que, enquanto cidadãos, engajemo-nos apaixonadamente em defesa dessa ou daquela proposição sobre as implicações do desenvolvimento da nanotecnologia. O que não podemos, repito, é subordinar a análise científica àquelas proposições emocionalmente defendidas.

Obviamente, não se trata, por certo, de fazer entrar novamente em cena superados preceitos positivistas do que venha a ser um debate científico objetivo. Longe disso! E nem de propor que se guarde no armário nossas paixões e interesses. Muito pelo contrário, quanto mais claros e expostos ao conhecimento geral eles estiverem, melhor. A objetividade é sempre o resultado do aclaramento do lugar social, político e científico a partir do qual emergem as análises e proposições.

IHU On-Line - Como as Ciências Sociais podem ajudar a democratizar as discussões sobre os impactos das nanotecnologias? De que maneira isso vem sendo feito?

Edmilson Lopes Jr. - As nanotecnologias abrem uma importante oportunidade para uma interconexão entre as Ciências Sociais e as outras ciências. E isso será possível na medida em que os cientistas sociais não caírem na tentação de criar mais um campo interdisciplinar, o qual, como já nos alertou Stephen Wood, pode levar a produção de "especialistas de coisa nenhuma". Na medida em que construamos uma boa ciência social (seja antropologia, ciência política ou sociologia) das nanotecnologias, estaremos cumprindo um importante papel. O conhecimento produzido por essas Ciências Sociais contribuirá para democratizar as informações sobre as nanotecnologias.

Há uma agenda de pesquisa que pode e deve ser enfrentada: como se configura o campo científico das nanotecnologias (suas linhas de força, relações de poder, capital científico etc.)? Com base nas informações disponíveis — fornecidas pelos cientistas envolvidos em projetos de nanotecnologias —, que cenários sociais e econômicos podemos desenhar para o futuro próximo? Quais expectativas, desejos e fantasias são expressos nos materiais produzidos pela mídia e pela indústria cultural a respeito das nanotecnologias? Quais são as dimensões econômicas, culturais e sociais que envolvem o desenvolvimento das nanotecnologias?

Em parte, aqueles preocupados em trabalhar com a temática das nanotecnologias no campo das ciências sociais têm incorporado, em seus trabalhos, algumas das questões acima apontadas.

> "A redefinição de espaço e tempo provocado pelo uso generalizado da telefonia móvel é um exemplo dessas transformações. Em alguns campos, como o da leitura ótica, a nanotecnologia barateará a produção e isso, acredito, implicará em um aumento exponencial do controle da privacidade. Esse controle não será nenhum produto da nanotecnologia, mas a expansão de uma tendência social hoje presente"

IHU On-Line - As nanotecnologias podem redefinir os usuais modelos da realidade social? Isso já está acontecendo e nem estamos nos dando conta?

Edmilson Lopes Jr. - As nanotecnologias, de algum modo, apenas radicalizam tendências atuais. Na realidade, mudanças sociais significativas, as quais impactam profundamente nossa forma de ser e estar no mundo, vão ocorrer aos poucos. A redefinição de espaço e tempo provocado pelo uso generalizado da telefonia móvel é um exemplo dessas transformações. Em alguns campos, como o da leitura ótica, a nanotecnologia barateará a produção e isso, acredito, implicará em um aumento exponencial do controle da privacidade. Esse controle não será nenhum produto da nanotecnologia, mas a expansão de uma tendência social hoje presente.

Claro que em alguns setores, na medicina, por exemplo, as aplicações das nanotecnologias poderão provocar grandes revoluções nas formas de tratar de doenças e de enfrentar vulnerabilidades e limites físicos.

IHU On-Line - E no que se refere ao mundo do trabalho? O desenvolvimento das nanotecnologias tem transformado a realidade dos meios de produção e a dinâmica do mercado, exigindo até maior qualificação dos profissionais?

Edmilson Lopes Jr. - Também em relação à redefinição dos postos de trabalho, acredito que há mais especulações e projeções do que fatos concretos que alicercem algumas das análises alarmistas com as quais nos defrontamos sempre que alguém se dispõe a comentar sobre os impactos sociais das nanotecnologias.

Destruição criadora: essa é a lógica dos processos de inovação tecnológica. Não será diferente com as nanotecnologias. Com o desaparecimento de formas de trabalho e organização da produção hoje existentes, teremos novos campos de atuação e novas possibilidades de desenvolvimento das potencialidades criativas dos humanos. Mas é sempre bom lembrar que as

> "Os países com maior investimento na pesquisa de ponta serão, inevitavelmente, os principais ganhadores da nova revolução técnico-científica que as nanotecnologias anunciam"

> "O que não podemos, repito, é subordinar a análise científica àquelas proposições emocionalmente defendidas"

> "As nanotecnologias são, sim, uma expressão da criatividade humana. E, como tal, com potencialidades e possibilidades em aberto"

inovações tecnológicas não se desenvolvem num vazio, mas embebidas em relações econômicas, culturais e sociais. Por outro lado, o aumento da complexidade dos sistemas sociais conspira contra as análises causais simples.

IHU On-Line - Alguns pesquisadores apontam apenas vantagens para a sociedade no que se refere à utilização das nanotecnologias. Entretanto, uma vez que grandes multinacionais dominarem essa tecnologia, países e populações pobres podem ser particularmente afetados?

Edmilson Lopes Jr. - Os países com maior investimento na pesquisa de ponta serão, inevitavelmente, os principais ganhadores da nova revolução técnico-científica que as nanotecnologias anunciam. Mas também foi assim em relação a revoluções precedentes. Por outro lado, na medida em que o desenvolvimento das nanotecnologias implica em um grande investimento de capital econômico e científico, os grandes grupos empresariais tenderão a ser os dominantes na área. Essa perspectiva, mais do que legitimar o imobilismo ou a negação do desenvolvimento científico, deve nos conduzir a uma postura de maior cobrança de investimentos públicos tanto nas pesquisas na área quanto em investigações das Ciências Sociais. Estas últimas poderão fornecer informações e saberes importantes para o monitoramento dos agentes públicos e dos atores sociais.

IHU On-Line - Esse debate está bastante polarizado entre os especialistas. Os que são favoráveis argumentam que as nanotecnologias serão benéficas e, entre outras coisas, possibilitarão a eliminação de desperdícios na produção de produtos, reduzindo a dependência de recursos naturais no desenvolvimento de novas tecnologias. Em contrapartida, os críticos apontam que elas podem ter impactos negativos na saúde e no meio ambiente. Diante dessas divergências, qual é a sua avaliação?

Edmilson Lopes Jr. - Devo reafirmar que existem muitas especulações e projeções irrealistas em relação às nanotecnologias. De algum modo, mesmo que involuntariamente, essas projeções constroem muitas das posturas alarmistas que vemos por aí. Nunca é demais repetir, já que lições básicas da sociologia estão sendo olvidadas no debate sobre as nanotecnologias, que são os atores sociais (nós, homens e mulheres concretos), com suas ações (nem sempre controladas e previsíveis, por certo) e relações, que determinam o rumo dos acontecimentos. Nesse sentido, não há por que atribuir poderes mágicos (malignos ou milagrosos) a uma determinada tecnologia.

IHU On-Line - As nanotecnologias podem ser vistas como uma conquista e uma extensão do ser humano, já que elas foram desenvolvidas pelo homem? Nesse contexto, não precisamos temê-la?

Edmilson Lopes Jr. - As nanotecnologias são, sim, uma expressão da criatividade humana. E, como tal, com potencialidades e possibilidades em aberto. Tanto podem contribuir para a melhoria de nossa vida como para agravar velhos problemas sociais, como, por exemplo, o da desigualdade.

Leia mais...

Edmilson Lopes Jr. participou da edição 120 da IHU On-Line. A entrevista As Ciências Sociais têm papel estratégico nas definições sobre nanotecnologia, está disponível no nosso sítio.

>> Confira também as entrevistas publicadas nas Notícias do Dia:
* Nanotecnologias: a relação com o meio ambiente e a sociedade
* Somos ciborgues? Nanotecnologias e as conseqüências na sociedade
* Nanotecnologia no Brasil sem qualquer controle social, entrevista publicada do sítio do IHU.
* "Levante o dedo quem tem zero de ciborgue"
* As conquistas e os desafios das nanociência
* O homem, as máquinas e o futuro

Entrevista da Semana

Incentivo ao conhecimento: o retorno das obras clássicas

Ao lado da esposa e outros sócios, o economista italiano Andrea Vicentini realiza o sonho de tornar acessível grandes clássicos da literatura traduzidos ao português

Por Graziela Wolfart

Faz sete anos que os admiradores da literatura econômica passaram a ter uma boa fonte de novidades. Uma pequena editora de Curitiba, a Segesta, trabalha no sentido de lançar no Brasil traduções de obras pouco conhecidas até mesmo no meio acadêmico. Não são *best-sellers,* mas atraem por trazerem discussões que, mesmo antigas, não perdem a atualidade. O que mais desperta interesse é a coleção Raízes do Pensamento Econômico, atualmente com oito títulos .

A **IHU On-Line** entrevistou, por e-mail, o economista italiano Andrea Vicentini, um dos sócios da editora. Ele fala sobre o projeto, as dificuldades e as próximas metas de publicação. Vale lembrar que as obras não se encontram pelas livrarias do país, com exceção da Cultura, de São Paulo, e da Leonardo da Vinci, do Rio de Janeiro. Mas quem quiser pode fazer o *download* gratuito no site www.segestaeditora.com.br. Vicentini trabalha com a esposa, Marzia Terenzi Vicentini, e um casal de amigos - Pedro de Alcântara Figueira e Fani Goldfarb Figueira. Todos são aposentados e dedicam-se a escolher os temas e ajudar na tradução das obras.

Andrea Vicentini é formado em Contabilidade e Ciências econômicas pela Universidade de Urbino. Entre 1969 e 1975, foi diretor da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana.

Divulgação

IHU On-Line - O que motivou a aposta de vocês em clássicos e em obras pouco conhecidas? No que a trajetória de vida dos sócios da editora ajuda a entender esse interesse em publicar obras de pouco interesse comercial?

Andrea Vicentini - O projeto Raízes do Pensamento Econômico nasceu depois de vários anos de estudo na área de história, literatura, sociologia e economia. Os desastrados planos econômicos dos anos 1980, implantados no Brasil por grupos de economistas ligados às universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, indicaram a necessidade de se conhecer com mais profundidade alguns textos sobre problemas monetários que pudessem ajudar a compreender melhor a política econômica. O objetivo era colocar obras importantes e desconhecidas à disposição dos estudiosos e dos leitores, em textos integrais e bem editados. O apoio financeiro do Instituto Italiano de Cultura, que financiou a tradução de três textos de autores italianos,[1] ajudou e foi fundamental para que pudéssemos iniciar nossas atividades. Somos quatro pessoas a trabalhar, escolher as obras e traduzir: Pedro de Alcântara Figueira, historiador, Fani Goldfarb Figueira, doutora em Sociologia, Marzia Terenzi Vicentini, doutora em Literatura Italiana, e eu, que fiz um curso em Ciências Econômicas na Universidade de Urbino, na Itália, e vivo, desde 1967, problemas ligados à agricultura brasileira: organizei uma cooperativa agropecuária e desenvolvi uma empresa agrícola. Organizei uma cooperativa agropecuária e desenvolvi uma empresa agrícola.

1 O entrevistado refere-se aos seguintes livros e autores: *Da moeda* de Ferdinando Galiani, *Breve tratado,* de Antonio Serra e *Tratado Mercantil sobre a moeda*, de Geminiano Montanari. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como está o processo da tradução e publicação de *O capital*? Qual é a atualidade de Marx?

Andrea Vicentini - Depois da queda da antiga União Soviética, o trabalho teórico de Marx ganhou autonomia e eliminou a confusão que considerava, erroneamente, os regimes socialistas existentes como resultado do seu pensamento. Aristóteles, que estava ligado a Alexandre, o Grande, ganhou força depois da morte deste. O mesmo está acontecendo com Marx. Ele é o Aristóteles dos nossos tempos. Não existe obra de economia tão clara, profunda, importante, atual como *O capital*, publicado em 1867. A tradução contratada pela Segesta ainda está em fase de estudo. Uma vez pronta, será colocada na internet para *download* gratuito. E isto será importante para conhecer e estudar o texto.

IHU On-Line - Quais são as características dos livros publicados pela Segesta? Qual é a particularidade da coleção Raízes do Pensamento Econômico?

Andrea Vicentini - Todos os textos da coleção eram inéditos no Brasil e estão todos ligados ao conhecimento dos problemas da moeda. Observamos que esta linha de estudo está sendo implementada na França, onde está sendo traduzido Antonio Serra,[2] na Alemanha, onde está sendo traduzida a obra de Galiani[3] *Da moeda*; e na Argentina, onde já foi traduzido o texto de Oresme[4]. Quero sublinhar, assim, que a pesquisa da Segesta faz parte de um processo maior que está ativo no mundo todo.

IHU On-Line - Vocês afirmaram que o trabalho da editora não dá lucro. Qual é a principal motivação em publicar livros apenas pelo prazer da literatura?

Andrea Vicentini – Inicialmente, pensamos que os livros pudessem ser vendidos para os acervos das Bibliotecas Públicas e Universidades, mas isto não aconteceu. Quando o governo faz compras para estas entidades, a Segesta esbarra no *lobby* das grandes editoras que monopolizam o fornecimento. A Segesta, assim, procura ter, antes de se comprometer com a edição, o capital necessário para o custeio. Só vendemos nossos livros pela internet. Fazemos doações às bibliotecas públicas que pedirem (enviamos livros para 200 bibliotecas do Ceará). Colocamos os textos na internet para *download* gratuito. Somos pessoas aposentadas com mais de 65 anos de idade. De um lado, podemos ir ao cinema gratuitamente, como podemos viajar de ônibus sem pagar, de outro, acho que temos o dever de difundir o conhecimento.

"Sem dúvida, o estudo de acontecimentos e fatos do passado irá ajudar a entender o presente"

IHU On-Line - Qual é a importância que vocês mais destacam no fato de tornar disponível uma obra antiga, mas que continua atual? Em que medida as idéias de grandes pensadores contribuem para a compreensão da sociedade e da cultura contemporâneas, principalmente falando de economia?

Andrea Vicentini - Vou responder com as palavras que o imperador da língua portuguesa, Antônio Vieira[5], diz num sermão: "se queres ver o futuro, lede as histórias e olhai para o passado, se quereis ver o passado lede as profecias e olhai para o futuro. Se no passado se vê o futuro e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado e no futuro se vê o presente, porque o presente é o futuro do passado". Acrescento que alguns textos do passado são mais importantes quando chegam a ser clássicos, isto é, quando você lê e relê o texto e em cada leitura encontra sempre idéias novas para compreender a atualidade. Vivemos martelados pela mídia, dentro de um confuso e intrincado labirinto de idéias que escondem o verdadeiro caminho do conhecimento dos fatos políticos. A saída pode ser encontrada em textos do passado que tratam questões importantes, como a chegada de ouro e prata do Novo Mundo ao velho continente, a primeira emissão de papel moeda com John Law,[6] os debates sobre comércio de cereais dos iluministas antes da Revolução Francesa.

A morte do dólar

Estamos assistindo, no plano da política, a uma grande tragédia americana: a morte do dólar. O que irá acontecer? É difícil encontrar nos jornais artigos de economistas que ajudem a compreender a situação. Alguns dizem que a culpa da crise financeira está ligada ao financiamento de imóveis nos Estados Unidos. O governo americano reconhece o problema, mas afirma que não existe desemprego e que o custo de vida não está subindo. Eu me pergunto: se o coitado trabalha, se o poder de compra do salário é constante, por que, então, ele não está pagando o financiamento do seu imóvel? O governo americano está mentindo e é evidente que falsifica os indicadores do custo de vida. Sabemos que este grupo que está no poder nos Estados Unidos está acostumado a falsificar: fraudou o resultado de uma eleição, fraudou a causa de uma guerra injusta e assassina. Por que não pode manipular os indicadores econômicos? Mas o dólar é a medida que avalia todas as *commodities* e a alta expressiva dos preços do petróleo, da soja, do trigo, do milho, por exemplo, já está nos mercados do mundo inteiro. Uma forte inflação na terra do dólar está em andamento e ninguém vai poder esconder este fato dramático. Acho que haverá uma grande transferência de riqueza de uma classe para outra, como aconteceu com a chegada do ouro e da prata do Novo Mundo na Europa de 1600. E, também, como desdobrou a situação na França na época da primeira emissão do papel moeda de John Law. Os economistas contemporâneos, que escrevem e comentam a situação, falam de recessão. Mas creio que estamos enfrentando um fato novo. Vou usar uma palavra nova: exúvia[7]. Sim, uma inco-

2 **Antonio Serra**: autor do primeiro livro de economia política na Itália, em 1613. (Nota do entrevistado)

3 **Ferdinando Galiani** (1728-1787): economista italiano. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Nicole d'Oresme** (1323-1382): Economista, matemático, físico, astrônomo, filósofo, psicólogo, musicólogo e teólogo francês. Foi conselheiro do rei Carlos V da França. (Nota da **IHU On-Line**)

5 A revista ***IHU On-Line*** número 244, de 19-11-2007 dedicou seu tema de capa a Antônio Vieira. O download pode ser feito em www.unisinos.br/ihuonline (Nota da ***IHU On-Line***)

6 **John Law** (1671-1729): economista escocês. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Exúvia** é o tegumento deixado pelos artró-

mensurável exúvia. O desconcerto da máquina do mundo será tão grande que vamos ter uma profunda mudança na sociedade sem poder prever o que vai nascer dos despojos do atual imperialismo. Sem dúvida, o estudo de acontecimentos e fatos do passado vai ajudar a entender o presente.

IHU On-Line - Como surgiu a idéia de tornar disponíveis as obras para *download* gratuito? Vocês são adeptos da teoria de que "o conhecimento é livre"?

Andrea Vicentini - Queremos que os textos sejam conhecidos. Temos leitores que fazem *download* em Portugal, em Angola, em Moçambique e em vários lugares do Brasil. O livro é outra coisa. A impressão é feita no melhor papel encontrado no mercado. A capa é forte e bonita. Imprimir o texto fica caro. O cartucho é mais caro do que o livro.

IHU On-Line - Como o senhor vê a divulgação que Delfim Netto faz da editora?

Andrea Vicentini - Quando cheguei ao Brasil, em 1967, estudei um texto de Antonio Delfim Netto[8] sobre a política do trigo, escrito pouco tempo antes de ele ser nomeado Ministro da Fazenda pelo governo militar. Naquele tempo, estava procurando elementos e idéias para organizar uma cooperativa agropecuária de plantadores de algodão e trigo e achei aquele estudo muito importante. Como ministro, Delfim realizou o que tinha escrito teoricamente e impulsionou a produção de trigo, contribuindo para modernizar a produção agrícola, que chegou a ser da mais alta tecnologia. Hoje, ele tem a maior biblioteca de textos econômicos existentes no Brasil e nos disse que vai doar todos os livros à USP, com a condição de que a universidade fique também com a casa onde se encontram, para evitar a perda do acervo. Ele conheceu os nossos livros e está dando um forte apoio. Reconheço que a propaganda do Delfim foi fundamental para a Segesta.

IHU On-Line - Quais são os próximos planos da editora?

Andrea Vicentini - Está em preparação a tradução da obra de Simonde de Sismondi,[9] *Novos princípios de Economia Política*, escrito em 1819-1826. Depois, espero começar as revisões de *O capital*. O programa é publicar somente o primeiro livro de Marx que foi editado por ele em 1867. Gostaria de dizer que o interesse sobre Marx é grande no Brasil. Foram editadas recentemente duas boas traduções da Ideologia Alemã. Temos conhecimento de que se prepara a edição em língua portuguesa, aqui no Brasil, dos Grundrisse.[10]

Vou finalizar lembrando que me referi antes ao "desconcerto da máquina do mundo". São palavras de Camões quando descreve uma trágica tempestade. Para entender problemas econômicos, gosto de recorrer a escritores da grande literatura. É na grande literatura que podemos encontrar notáveis pensamentos sobre temas de economia. Nestes dias, li a história de Cogia Hassan[11], nas *Mil e uma noites*, que afirma que o dinheiro existe para ser gasto. E acrescenta que o dinheiro deve, também, produzir riqueza para poder receber o necessário sem medo de esgotar a fonte. A tragédia americana esqueceu este "também", e a riqueza está acabando. A poupança do mundo, que sustentava as imensas despesas do império quando adquiria os títulos da dívida pública americana, está sendo dirigida agora a outros destinos. Era o medo do socialismo que empurrava os países capitalistas a sustentar o poder americano. Hoje, não existe este medo, e quem tem dólares está gastando. E gastando, o dólar se desvaloriza. A exúvia começou. Acabaram *As mil e uma noites*. Vão começar as *Mil e duas noites*. O que será?

Confira as obras que compõem a coleção Raízes do Pensamento Econômico

Economistas Portugueses: O escritório avarento (1655), de Francisco Manuel de Melo, e Sobre a introdução das artes (1675), de Duarte Ribeiro de Macedo.
Tratado mercantil sobre a moeda (1683), de Geminiano Montanari
Pequeno tratado da primeira invenção das moedas (1355), de Nicole Oresme
Diálogos sobre o comércio de cereais (1770), de Ferdinando Galiani
Breve Tratado das causas que podem fazer os reinos desprovidos de minas ter abundância de ouro e prata (1613), de Antonio Serra
Ensaio sobre a natureza do comércio em geral (1755), de Richard Cantillon
Economistas Políticos, Coletânea de pequenos textos integrais de Adam Smith, William Petty, Nicholas Barbon, Pierre de Boisguilbert, Benjamin Franklin, Encyclopédie de Diderot e D'Alembert(artigos: agricultor e finanças), Turgot e David Ricardo
Da Moeda (1751), de Ferdinando Galiani

podes e pelos répteis por ocasião das mudas. A palavra vem do latim *exuere* que significa despojar. O entrevistado explica que usou essa expressão para indicar que estamos enfrentando uma situação completamente nova. A moeda dólar é a medida de todas as mercadorias. A palavra *commodity* vem do latim *commoditate*, que significa que tem valor, pode ser medida. O desaparecimento do dólar vai criar uma situação nova, ainda indefinida. Como vamos dar valor às mercadorias? Sobre os despojos do dólar, a humanidade terá que criar alguma coisa, comentou Vicentini. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Antônio Delfim Netto** (1928): economista e político brasileiro. Atuou como secretário da Fazenda em São Paulo entre 1966 e 1967. Durante o regime militar, entre 1967 e 1974, foi ministro da Fazenda. Em 1979, ocupou o cargo de ministro da agricultura e em 1985 foi ministro do Planejamento. É professor emérito da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP). Antonio Delfim Netto elogiou a iniciativa da editora. Entre outras coisas, ele disse que "O projeto da Segesta merece todo o apoio dos que se interessam pela teoria econômica e pela economia política. Trata-se de uma contribuição fundamental para a melhoria do conhecimento da literatura econômica entre nós. Talvez seja indispensável mesmo para os que se julgam 'cientistas' e, portanto, desinteressados dos aspectos arqueológicos da profissão.". O comentário na integra pode ser lido através do endereço www.gegestaeditora.com.br/artigos/d_netto.htm. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi** (1773-1842): economista e historiador suíço. Nos seus últimos anos de atividade profissional escreveu a *Histoire des français* (1821-1844). (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie (Elementos fundamentais para a crítica da economia política):** é um manuscrito de Karl Marx, completado em 1858. Sobre o tema, a **IHU On-Line** entrevistou Jorge Paiva. A entrevista "'Grundrisse' de Marx. Um outro paradigma teórico para os desafios contemporâneos" está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Cogia Hassan** é uma personagem de um conto do livro *As Mil e Uma noites*. (Nota da **IHU On-Line**)

Invenção

Editoria de Poesia

Adriana Zapparoli

Por André Dick

A poeta Adriana Zapparoli nasceu em 1969 e é natural de Campinas (SP). Fez doutorado em Farmacologia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e em 2007 lançou seu livro de estréia, *A flor-da-Abissínia* (São Paulo: Lumme Editor), depois de publicar poemas em revistas impressas, como *ET Cetera*, *A Cigarra* e *Poesia Sempre*, e eletrônicas, como *Zunái* e *Mnemozine*. Prepara, para breve, o livro *O leão de Neméia*.

Numa espécie de revitalização do barroco, Zaparolli faz poemas essencialmente musicais, com imagens estranhas e muito bem trabalhadas. Suas imagens botânicas criam uma analogia sobretudo com o corpo humano. Ou seja, é muito comum em sua poesia que esteja falando de seres humanos quando fala sobre plantas, utilizando, inclusive, nomes científicos, raros. Vejamos um poema como "yoni": "na camarilha de orvalho o cenário. / *perla* seria por uma concha envolta em *pétalon* de orquídea. / ela a doçaina, o *neter*, o fundo contrário. uma flor no inferno / levamente molhado. / a sua parte mais fina, flogística, em límpida essência turmalina...". Em "hieros gamos", a poeta escreve: "falo eletrocutado / no direito do acólito, / do êxtase em botões de lótus. / / dentro d*ela*, os bulbos / de tulipas estão mais próximos". Em "tirso", Adriana esclarece melhor esse traço amoroso: "era a mulher que o defendia. vestida com o linho e a amálgama a / sua pele de corça pintalgada. o ofídio na cintura. um chamariz / na conversão, atraindo-o para a vida. fescenino o sentimento na / necessidade do íntimo". No poema "neméia", não incluído em *A flor-da-Abissínia*, por sua vez, há um sentimento de abandono: "abraçar a divindade masculina. esguia. gerar o seu filho e / abandoná-lo. agora". Com isso, parece que Adriana trata sempre de um ambiente em que a vida e a morte estão entrelaçadas, talvez pelo tom científico, ligando-as a uma tensão que remete a corpos visualizados e descritos com raro cuidado.

Em "Scorpione", Adriana, por exemplo, procura uma espécie de metalingüística, com algumas imagens desautomatizadas e um contato com o deus da medicina entre os romanos e os gregos, numa aproximação com a mitologia (procurada em outros poemas seus): "a andarilha do deserto negro abandonava, algumas vezes, os seus olhos lagartos ao respirar a essência daquelas sílabas. a gramática monossilábica daquele pensamento escorpião de palpos compridos, demasiado horrendo e paralisante, demorava-se em sua mente. [...] com suas cascas em ecdise atravessou mais uma porta de fechar atrás de si. e foi então que ele, cheio de coragem, levantou-se ofídico, Asclépio, à margem daquelas águas".

Dentre os nomes, no Brasil, que se aproximam de sua poética está certamente o de Josely Vianna Baptista. Ambas têm um trabalho elaborado, estrutural, que mantém um diálogo com um certo "desregramento de sentidos" de Rimbaud, ou seja, não é possível esperar uma leitura previsível em seus versos. O próprio título do primeiro livro de Zapparoli remete a Rimbaud: a Abissínia é a região em que o escritor francês se refugiou depois de decidir nunca mais escrever poesia, a fim de traficar escravos e armas. Nessa dissolução entre prosa e poesia, Adriana também desenvolve um caminho seguido por Claudia Roquette-Pinto, sobretudo em *Zona de sombra*. O verso, se assim pode ser chamado, de Zapparoli, no entanto, é mais elíptico, mais quebrado.

Por vezes, é uma poesia que parece estar sendo exagerada e até mesmo romântica quando está trabalhando em camadas diferentes de linguagem, além de se caracterizar por um humor sutil, sempre oblíquo e desviado pelo tom científico de algumas proposições. No entanto, por trás disso, parece haver, junto com a sintaxe rebuscada, as elipses e fragmentações, uma procura por certa completude que inexiste, mas que insiste em ser buscada. Adriana enviou especialmente à **IHU On-Line** três poemas inéditos, com algumas das características que encontramos em seus poemas anteriores.

baunilha-dos-jardins

mata-calado d'água quente. sua língua é uma linha em louça, um riacho bacântico.
surpreende-me quando o vejo no canto, nas filas verdes do *pedaliáceo,* do alto, por debaixo.
naquele quarto em branco e preto.
o bácaro está contido no mastro e sobre as coisas que penso — você: num vão do espaço, no túnel do tempo, no banco de madeira sob o jato, no óleo da semente, nas palavras aos pedaços...
são os fragmentos que o trazem. numa linguagem de aço
e
mutante é o caminho para o receptáculo em *flores-de-baunilha*.

mudras: te peço de bela, enfim, te peço *falo* e todas as miçangas **mudas**. orvalhando em cadência, misturam-se as **runas,** as rimas e
as rugas dentro do colo do **útero**. pois motriz é o **fluxo-menta**. então durma, por sobre o conforto deste chafariz**,** que mesmo assim, me **culpo-calêndula**...
por que trava a **guia,** o **estame** da **vida...** se te peco aos anjos, tão temente e latejante, **liame e liana,** de cabeça- incorporo-
corpo flambando lantejoula de dicotiledônea e tendo receio dos calos que me alcançam à **retina**, samsara, em dor-mente**-clorofila**. e se ao vê-lo,
tornar-me melódica em **cascata** então, transponha-me com o corpo-falo que eu lhe devolvo a **chibata** da *guiza* a carburar esta **prata**. mais tarde,
e quanto mais...
em tarde de *ramachandra* e *sita*.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 11-03-2008 a 15-03-2008.

Das resistências às alternativas. Fórum Mundial das Alternativas. Documento final
Confira nas Notícias do Dia 11-03-2008
Neste dia, o sítio do IHU publicou o documento final redigido após o Encontro Latino-americano do Fórum Mundial das Alternativas (FMA), ocorrido em Quito, no Equador, no final de fevereiro. O documento foi traduzido pelo CEPAT.

Hugo Assmann: 'Diante da presença dele ninguém ficava indiferente'
Esther Grossi
Confira nas Notícias do Dia 12-03-2008
Nesta entrevista, a ex-deputada federal faz uma homenagem ao teólogo Hugo Assmann, com quem conviveu e aprendeu tanto. "O Hugo era grande; ele usufruía dos momentos existenciais. Também era absolutamente comprometido com cada momento. Era, em síntese, uma figura fantástica", relembrou.

Maio de 68: "O balanço vai da idolatria à flagelação"
Fernando Eichenberg
Confira nas Notícias do Dia 13-03-2008
O jornalista descreve sobre os reflexos dos episódios ocorridos em maio de 1968 na sociedade francesa hoje, lembrando do cinema, direitos individuais e mercado de trabalho. Para ele, "o período ainda passa por avaliações e divide opiniões sobre suas contribuições".

A cirurgia plástica sob um olhar antropológico
Andrea Tochio
Confira nas Notícias do Dia 15-03-2008
O feminino mudou. Passaram-se os anos e a inserção das tecnologias no nosso dia-a-dia fez com que a estética e a construção do corpo mudassem também. Nesta entrevista, Andrea Tochio fala sobre seu trabalho em que analisa antropologicamente a cirurgia plástica.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Fique Sabendo...

* Querô (Maxwell Nascimento) é filho de uma prostituta que se matou com querosene pouco depois de ele nascer. O garoto cresce numa pensão e nas ruas do porto de Santos. Na Febem, descobre o inferno. Sobre o filme, foi publicado o artigo Menor abandonado, uma situação atual, na edição número 242 da revista IHU On-Line, intitulada Rio dos Sinos, um ano depois da tragédia. Ainda é possível salvá-lo? O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu.

* Numa universidade do Rio de Janeiro, Paulo (Caio Blat), estudante de medicina, Leon (Alexandre Rodrigues), estudante de sociologia, e a futura arquiteta Letícia (Maria Flor) são os melhores amigos, dividindo precariedade de moradia, a falta de dinheiro e a cervejinha com a mesma alegria. Pinta um risco de triângulo amoroso que abala o grupo. Além disso, eles têm um encontro marcado com a dura realidade social do país. Sobre o filme, foi publicado o artigo Uma sociedade entre a violência e a ternura, na edição número 222 da revista IHU On-Line, intitulada Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade. Para saber mais, acesse www.unisinos.br/ihu.

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 19-03-2008
Oficina de artes plásticas: Criando a própria Ceia Palestrante: Profa. MS Maria Rosicler Ferretto Barbosa - Unisinos Horário: 17h30min às 19h Local: Sala 1G 119, junto ao Instituto Humanitas Unisinos-IHU Exibição do filme: *Querô* (Carlos Cortez, 2006, 90 min) Debatedor: Prof. Dr. Hilário Dick - Unisinos Horário: 19h30min às 22h Local: Auditório Central
Dia 24-03-2008
Exibição do filme: *Proibido proibir* (Jorge Duran, 2006, 100 min) Debatedores: Profa. Dra. Christa Berger e Prof. Dr. José Roque Junges- Unisinos Horário: 19h30min às 22h Local: Sala 1G 119, junto ao Instituto Humanitas Unisinos-IHU

Você já imaginou que algum dia falaríamos em futuro pós-humano? Ou, algo mais surpreendente, que homens e máquinas poderiam ser um só: híbridos?

Essa discussão estará presente nas conferências e mini-cursos do Simpósio Internacional Uma Sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias. O evento acontecerá na Unisinos entre os dias 26 e 29 de maio deste ano. A programação completa do encontro já pode ser conferida através do nosso sítio www.unisinos.br/ihu.

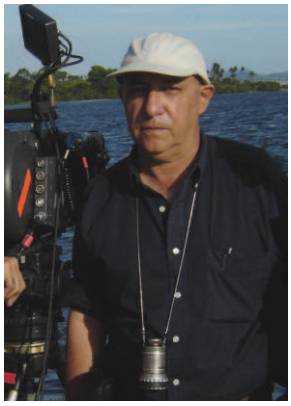
Da preocupação individual ao interesse social: o retrato de Jorge Durán sobre a juventude brasileira

Diretor do filme *Proibido proibir*, que faz alusão ao slogan da revolução de maio de 1968, fala sobre o posicionamento dos jovens brasileiros, diante das mazelas do país

Por Bruna Quadros

"Queria colocar no centro da história a Universidade, outorgando-lhe a importância que merece, como formadora dos nossos jovens", afirma o roteirista e diretor Jorge Durán, sobre o filme *Proibido Proibir*, lançado em 2006. Segundo ele, a imagem do jovem, hoje, no Brasil, é mascarada por alguns cineastas e se confunde no imaginário do público. "Esse jovem existe no cinema dos Estados Unidos e em parte do europeu. Ele não tem ética; é perverso, cruel, amoral, sem afetos", reforça. Em relação à postura dos jovens diante das questões sociais do país, Durán é enfático: "qualquer universidade, para ser respeitada, tem a obrigação de fazer seus alunos olharem para o país em que vivem".

O Instituto Humanitas Unisinos – IHU exibirá e discutirá o filme *Proibido proibir*, no dia 24 de março. A análise e o debate sobre a obra de Jorge Durán serão feitos pela Profa. Dra. Christa Berger e pelo Prof. Dr. José Roque Junges, integrantes do corpo docente da Unisinos. A exibição do filme será na sala 1G 119, junto ao IHU, das 19h30 às 22h. A programação integra o evento Páscoa 2008: um grito contra a violência. Para saber mais, acesse www.unisinos.br/ihu.



Arquivo pessoal

IHU On-Line - O título do seu filme se alicerça no slogan "É proibido proibir", imortalizado pela revolução de jovens universitários em Maio de 1968. Quais são as suas pretensões ao produzir este filme?

Jorge Durán - Em todos os casos, comecei a escrever o texto somente pensando no assunto que me interessava, procurando personagens e tema ao mesmo tempo. No filme *Proibido proibir*, o slogan "É proibido proibir" faz referência a uma época em que a juventude era tremendamente ativa. Escolhi o título para pôr ele na boca de Paulo, estudante de medicina, que o usa como escudo para enfrentar a realidade, muito dura, pela que transita: o país, a cidade, o hospital universitário. Por outro lado, por ser um filme sobre uma parcela da juventude ignorada pelo cinema, jovens que gostam de estudar, de ler, de saber o que passa no mundo, pensei que o Paulo conheceria essa época, maio de 1968, da qual seria um admirador.

Como foi surgindo esta história

Sou muito interessado no Brasil, como tema. A juventude é outro tema que me interessa. Vejo muito cinema. E o que vejo sobre a juventude me desagrada. Acredito que foi inventado um "jovem" inexistente, mas que na cabeça de muito cineasta e de algum público se tornou real. Esse jovem existe no cinema dos Estados Unidos e em parte do europeu. Ele não tem ética; é perverso, cruel, amoral, sem afetos. Penso que ele seja "cinematográfico", nem por isso o considero "real". Nada no cinema é "real", mas o que me interessa pôr na tela é a realidade que vejo. Queria, em *Proibido proibir*, colocar no centro da história a Universidade, outorgando-lhe a importância que merece, como formadora dos nossos jovens. Não existiria esta história não fossem eles estudantes universitários. Por isso, a desenvolvo como tema, com maior força, na segunda parte do filme, para que se sinta, mais claramente, que o que ocorre com a vida deles está vinculado à passagem pela Universidade, que os leva a compreender o mundo e o lugar em que vivem. Não são heróis, apenas jovens cheios de energia que vão ficando sem muitas opções, na medida em que a realidade do país vai revelando algo próximo deles, que lhes diz respeito. Seria o primeiro passo para se tornar um bom cidadão e um profissional ético. A amizade e a lealdade são também um tema que o filme aborda.

Tenho viajado muito e debatido em diversos países este filme. Em todos, tenho encontrado uma juventude inquieta, curiosa com o mundo, aparentemente e perfeitamente comum, como a daqui. Na Suíça e na Itália, jovens universitários me disseram palavras semelhantes: as personagens do filme seriam muito semelhantes a eles, mas o contexto dos países radicalmente diferente. Não tenho pretensão nenhuma ao começar um projeto. Diria que sou movido pela curiosidade. Sei que o resultado é produto do trabalho intenso. Não considero o resultado dos filmes que fiz produto do talento, mas do trabalho. Certamente que tenho dedos para tocar esse piano que chamado cinema. Por último, queria filmar o Rio que mais gosto, que é o da zona norte. A zona sul é confortável, porém, em termos de cinema, prefiro bairros populares, não necessariamente favelas, lugares sofridos e difíceis. Os bairros de classe média da Zona Sul, Ipanema, Leblon acho sem interesse estético, sem drama, de uma arquitetura anódina.

IHU On-Line - Qual é a sua visão sobre o slogan "É proibido proibir"?
Jorge Durán - Acho interessante, porém ambíguo. Vale para Maio de 1968. Hoje em dia é uma bela frase.

IHU On-Line - Na obra, os três jovens são universitários, o que nos remete a uma idéia de situação financeira estável, tendo em vista a questão do acesso à educação no Brasil. Neste sentido, o que move os jovens a se interessarem pela situação do país, sendo que esta não seria sua responsabilidade?
Jorge Durán - Qualquer estudante de sociologia faz pesquisa de campo. Para construir o personagem Leon, que estuda sociologia, me fiz assessorar por meu filho, Paulo Durán, que me informou sobre o cotidiano de alguns estudantes de ciências sociais. O filme não os coloca como militantes de alguma causa, ou movimento político ou social, apenas conscientes do que vêem. Difícil um estudante de medicina não reparar na miséria do brasileiro, na precariedade da vida que vivemos. Difícil também uma estudante de arquitetura não reparar na cidade degradada em contraste com a paisagem exuberante de Rio de Janeiro. Impossível ignorar as favelas, não somente no seu significado urbanístico, mas também no seu significado social e político, finalmente. Não é preciso ser militante, para se sensibilizar diante destes problemas. Qualquer universidade, para ser respeitada, tem a obrigação de fazer seus alunos olharem para o país em que vivem. Mesmo que não o façam, o próprio estudo, a própria teoria e a convivência cotidiana com os problemas do país podem levar um estudante a ficar consciente. Daí a fazer alguma ação concreta é outro passo que somente alguns dão. Não é incomum saber de estudantes de comunicações que fazem algum tipo de trabalho comunitário. Eu escolhi trabalhar sobre as pessoas que me interessam. Por exemplo, policiais e bandidos não me interessam. Não considero que jovens que fumem maconha sejam traficantes e devam ser colocados na mesma prateleira que traficantes profissionais.

IHU On-Line - Jovens preocupados com as questões sociais compõem o retrato da juventude brasileira? Como você define os jovens de hoje?
Jorge Durán - Os jovens que vejo parecem concentrados nas suas vidas, nos seus problemas. Estão atentos ao acontecer, de forma distante, e descrentes da possibilidade de intervir na coisa pública. Para mim, é claro que não só o jovem, mas o cidadão brasileiro, tem uma importância mínima para o homem publico brasileiro, que não seja como massa de manobra para eleições.

IHU On-Line - Quais são as marcas que a juventude do Brasil de hoje carrega daquele Maio de 1968?
Jorge Durán - A mesma de sempre: energia, romantismo, humanidade, afeto, lealdade, fraternidade. Tudo isto exposto de maneira menos evidente. É que eu acho que o jovem, em geral, nasce com tudo isto dentro dele, e o perde nessa mixórdia que é o mundo hoje.

IHU On-Line - O que se pode esperar para o futuro do país, diante dos jovens que a sociedade está formando hoje?
Jorge Durán – Tudo, ainda mais quando apareçam oportunidades de trabalho e de crescimento pessoal. São os jovens que vão mudar algo no país. A educação e a saúde são fontes de energia que faltam demasiadamente.

IHU On-Line - O que o processo de produção do filme agregou a você, profissionalmente e pessoalmente?
Jorge Durán - Como gosto de fazer cinema, este filme me deu a possibilidade de dizer o que penso do país e do cinema. Fiz o filme com uma estética realista, em oposição à estética dominante, que pinta e mascara, inventa até encher o saco uma realidade que não tem âncora no mundo que vivemos; que nasce do mundo inventado em outros filmes. Se ficou bom ou ruim, sobre o que reflito constantemente, respondo para mim que trabalhei muito e acredito fundamente no que afirmo.

Fique Sabendo...

Chileno, Jorge Durán vive no Brasil desde 1973. Em 1978, dirigiu seu primeiro longa metragem, intitulado *A cor do seu destino*. Ficou conhecido pelos roteiros de *Lúcio Flávio - O passageiro da agonia* (1977), *Pixote - A lei do mais fraco* (1981) e *O beijo da mulher-aranha* (1984), os três dirigidos por Hector Babenco, e *Gaijin, caminhos da liberdade* (1979), de Tizuka Yamasaki. Proibido proibir, lançado em 2006, marca o retorno de Durán à direção, após duas décadas. Patrocinado pela Petrobras, com o apoio do Programa Ibermedia – Fundo Ibero-Americano, que visa estimular a co-produção de filmes para cinema e televisão, *Proibido proibir* ganhou o concurso para filmes de baixo orçamento do Ministério da Cultura, além do prêmio oficial do júri no Festival de Havana, de melhor filme no festival de Biarritz e de melhor ator no Festival de Cinema Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira, em Portugal, entre outros. Para televisão escreveu, entre outros, episódios do seriado *Mulher* (1998) e *A justiceira* (1997), e foi co-roteista da minissérie *Amazônia* (2007). Atualmente, é coordenador do Departamento de Roteiro e professor no Curso de Cinema da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, além de professor de roteiro na Escola de Cinema Darcy Ribeiro.

Perfil Popular

A cada edição, a história de um membro da comunidade.

Maria de Lurdes Dutra Vargas

Por Graziela Wolfart

Fotos Greyce Vargas

A vida ensinou para Maria de Lurdes Dutra Vargas, de 52 anos, que a trajetória humana é feita de altos e baixos. "Com a idade, vamos aprendendo sempre coisas novas. Nascemos para morrer, somos uma vela no mundo. Assim como estamos acesos, já apagamos", reflete ela, na conversa que teve com a **IHU On-Line**, em visita à redação da revista, oportunidade na qual contou-nos sua história. Mesmo abalada pela dramática experiência de perder dois filhos, Maria de Lurdes continuou a lutar por dias melhores, sempre colocando a família em primeiro lugar. Acompanhe, a seguir, a lição de vida que esta senhora nos proporciona.

Nascida na localidade de Segredo, município de Sobradinho, no Rio Grande do Sul, Maria de Lurdes Dutra Vargas aprendeu, desde cedo, como é a vida no interior. Precisava trabalhar na roça e não estudou porque, naquele tempo, conta ela, não era obrigatório ir para a escola, e os pais queriam que os seis filhos ajudassem no trabalho braçal da lavoura. O pouco tempo que freqüentou o colégio lhe proporcionou o aprendizado básico, para que pudesse escrever o próprio nome. "Fui de família pobre, e minha mãe se juntou com outro homem, meu padrasto, que bebia, incomodava. Tivemos uma vida sofrida", lembra.

Com o passar dos anos, Maria conheceu Sandro Roberto Vargas, que veio a se tornar seu marido. Casaram-se e, cansada de trabalhar na roça, ela propôs a mudança para uma cidade maior. O primeiro destino foi Cachoeira do Sul, onde moraram por 20 anos. Chegando lá, o marido de Maria de Lurdes conseguiu emprego no cultivo de arroz, pois Cachoeira do Sul é a capital do arroz, diz Maria. Ela foi trabalhar como doméstica. "Também fui camareira de motel, com carteira assinada. Trabalhei em tudo o que é serviço, até cortando mato de lenha de acácia e em trabalho temporário de colheita de nozes", conta.

> "Trabalhei em tudo o que é serviço, até cortando mato de lenha de acácia e em trabalho temporário de colheita de nozes"

Nosso perfil popular desta semana teve oito filhos: quatro homens e quatro mulheres. Depois de duas décadas morando em Cachoeira do Sul, a família mudou-se para São Leopoldo. Tomaram a decisão, pois onde estavam era difícil conseguir emprego para os homens. Quando começaram a construir a estação de trem em São Leopoldo, o marido de Maria conseguiu emprego para ele e para os guris mais velhos.

O lugar onde Maria e sua família construíram morada fica no bairro Rio dos Sinos. Ela conta que a localidade pertencia à prefeitura de São Leopoldo, sendo considerada "área verde". "Daí meu marido fez uma casinha ali, bem pequena, só para ele e os guris pararem enquanto estavam trabalhando. A gente achou que não ia dar problema nenhum, porque era área verde. Decidimos vender a casa lá em Cachoeira e vir toda a família para São Leopoldo". A casinha inicial construída por Sandro tinha duas peças. Quando viram, várias pessoas começaram a construir casas ali também. Depois da ocupação, foi formada a Cooperativa Progresso, para lotear os terrenos. Começaram a pagar as prestações e faz dez anos que a família de Maria e Sandro mora ali. "Foi bom criar a cooperativa, para a gente ficar mais descansado", recorda Maria. "Daí a gente tinha certeza de que não ia sair mais despejo, pois antes viviam nos ameaçando", desabafa. "Agora sa-

"Acredito muito em Deus, porque se não fosse Ele eu não estava em pé"

bemos que o terreno é da gente, tudo medido". Depois de quatro anos de trabalho na cooperativa foi instalada a rede de luz e o encanamento de água. "No início foi tudo um sacrifício".

Tristeza

No entanto, viver sem água, luz e na insegurança do desabrigo não foi tudo o que Maria de Lurdes precisou enfrentar. O maior drama de sua vida foi perder os dois filhos homens mais novos. Um morreu afogado na praia de Torres, há dois anos. Tinha 23 e deixou um gurizinho de 3 anos. E o outro, há sete meses, morreu de infarto, com 22 anos. Maria de Lurdes tem 10 netos e se sente a "segunda mãe" das crianças. "Esse menino do meu filho que faleceu era muito apegado comigo. Eu pedi para a mãe da criança não me deixar longe do meu netinho, que é um pedacinho do meu filho que ficou na terra. Mas ela começou a afastar ele de nós", lamenta.

Maria conta que se sente muito bem no convívio com as pessoas da cooperativa. "Lá sempre tenho uma palavra amiga. Tem gente companheira, que se ajuda nas horas mais difíceis". Ela começou a se entrosar com os vizinhos depois que perdeu o primeiro filho. "Eu andava muito nervosa e abatida e, para não ficar em casa, só pensando, comecei a fazer um curso de padaria. Lá tem uma psicóloga que conversa com a gente uma vez por semana. E foi ali que levantei meu astral e me animei de novo". Mais tarde, entrou em outro curso promovido pela cooperativa, desta vez de corte e costura, com a ajuda da Unisinos e do Programa Tecnosociais. "Fiquei muito contente.

"A única solução para fugir do perigo do mundo é estar dentro da igreja"

Eu tinha uma máquina em casa e nem sabia colocar linha na agulha. Hoje, nós trabalhamos com o grupo do curso. Temos encomendas de camisetas para entregar e ganhamos nosso dinheiro", garante, animada. O marido de Maria de Lurdes poderia estar trabalhando na cooperativa também, construindo casas novas. Mas ele optou por trabalhar em uma olaria, "porque lá eles assinam a carteira", explica ela.

A criação dos filhos: valores e fé

Sobre a criação dos filhos, Maria conta que, em Cachoeira do Sul, utilizou o recurso do patronato, uma espécie de colégio interno. "Quando eu via que meus filhos estavam rebeldes, eu os colocava lá, onde tinham hora para comer, para brincar, para estudar e para dormir". Todos seus filhos foram engraxates em Cachoeira do Sul. Eram chamados de "pequenos operários". "Eu sempre ensinava para eles não pegarem nada dos outros sem perguntar antes. Criei eles assim. Graças a Deus nunca tive problema com meus filhos. Eles saiam de casa de manhã para engraxar e já perguntavam 'mãe, o que está faltando?' e traziam o que eu pedia com o dinheiro que eles faziam no trabalho".

Maria de Lurdes é evangélica, pertencente à Igreja Evangélica Assembléia de Deus Gideões Missionários, de Pelotas/RS. "Acredito muito em Deus, porque se não fosse Ele eu não estava em pé, em razão de tudo isso que eu passei", diz. O grande sonho de Maria de Lurdes é levar os filhos para dentro da igreja, para seguir a religião que ela e o marido seguem. "Peço para Deus que não quero morrer sem ver todos meus filhos dentro da igreja. Quero partir tranqüila, em paz, sabendo que deixei meus filhos dentro da igreja, onde não tem perigo. A única solução para fugir do perigo do mundo é estar dentro da igreja".

IHU Repórter

Marcos Paulo Guerin

Por Alessandra Barros

Alessandra Barros

"O jaleco branco representa um desafio. Ao mesmo tempo em que inspira orgulho por chegar até aqui e ser um profissional da saúde e futuro enfermeiro, é preciso cuidar para não passar essa sensação de poder. É importante saber usar esse poder, com ética e profissionalismo"

O IHU Repórter desta edição conta a história de Marcos Paulo Guerin, 32 anos, estudante do sétimo semestre de enfermagem, que trabalha há seis anos na Unisinos. Nos últimos dois anos e meio, Guerin dedica oito horas do seu dia ao ambulatório da universidade, onde expressa seu amor pela profissão e demonstra o talento para cuidar das pessoas. Trata-se de um sonho realizado com muito esforço e dedicação, hoje reconhecido pelos colegas de trabalho e de sala de aula. Confira a entrevista.

Origens – Nasci em São Leopoldo, numa família humilde, mas com valores. Tenho um irmão e duas irmãs e sou o único a cursar universidade. Meus pais sempre me apoiaram nos estudos e também me deram muita responsabilidade por ser o mais velho dos filhos.

Infância – Tive uma infância bastante tranqüila. Gostava de jogar bolita com os amigos, mas nunca fui do futebol. Como sou o mais velho dos meus irmãos, fui o filho mais exigido. Cedo assumi a função de "cuidador" dos pequenos. Meus pais trabalhavam fora, e eu ficava cuidando dos irmãos, até eles retornarem do trabalho. Foi assim que descobri o talento de ser atencioso com o próximo. Percebi que esse papel, até então das mulheres, também era possível para os homens.

Família – A família é meu porto seguro e gosto de estar entre eles. Em casa, também sou visto como um enfermeiro. Costumo ser solicitado e consultado, quando alguém aparece doente na família ou na vizinhança. Gosto disso e permito essa atenção, pois sou acessível.

Valores - O jaleco branco representa um desafio. Ao mesmo tempo em que inspira orgulho por chegar até aqui e ser um profissional da saúde e futuro enfermeiro, é preciso cuidar para não passar essa sensação de poder. É importante saber usar esse poder, com ética e profissionalismo.

Estudos – Fiz o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública. Quando comecei a pensar no que queria ser quando crescesse, minha primeira opção era ser químico. Tinha a fantasia das poções, das experiências em laboratório, que me causavam fascínio.

Trabalho – Mudei de opção quando tive a oportunidade de trabalhar no almoxarifado de uma clínica, em São Leopoldo, e cuidava da distribuição de medicamentos. Um dia, quando estava levando material para o pronto-atendimento, fiquei surpreso com uma menina doente, que havia sofrido queimaduras e chorava muito. Observei a forma como ela foi atendida pela equipe de enfermagem e aquilo me marcou muito. Imaginei o quanto a atenção especial com a criança poderia fazer muita diferença naquele momento.

Profissão – Desde então, essa cena está cristalizada na minha memória e me inspirou no que me tornei hoje, como profissional e futuro enfermeiro. Passei a desejar ser enfermeiro, de atuar na área da saúde e cuidar diretamente das pessoas, ou seja, gostaria de tentar fazer desse atendimento algo diferente, com um olhar atencioso e dedicado.

Sonho - O primeiro passo foi estudar no curso de técnico de enfermagem, na Escola de Enfermagem da Paz, de São Leopoldo. Na mesma clínica, houve a possibilidade de continuar na área da enfermagem. Acabei por trabalhar como auxiliar de enfermagem no mesmo local onde havia assistido a cena da menina, pois queria ser enfermeiro.

Graduação – Na Unisinos, foi onde o sonho tornou-se realidade. Em 2001, entrei na universidade para trabalhar como técnico de enfermagem